

CRONOGRAMA DE AULAS ON-LINE

PROFESSOR	DISCIPLINA	HORÁRIO/DIA	TURMA	LINK DO MEET
Marcos	Física	Segunda - 7h às 8h	1º E.M. A	https://meet.google.com/rqg-jpsk-jde
Angela	Português	Segunda-8h às 9h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/ove-mrne-cuc
Adriana	Matemática	Segunda- das 9h às 10h e Terça - 8h às 9h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/rjf-wauc-pyt
Marina	História	Segunda - 10h às 11h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/yym-wpgm-vea
Marlei	Inglês	Terça - 7h às 8h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/nrz-awjw-ihs
Gisele	Física	Terça - 9h às 10h	1º E.M B,C e D	https://meet.google.com/ado-xghm-vku
Eni	Educação Física	Terça-das 10h às 11h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/qgc-oyxo-tji
Maurício	Sociologia	Terça - 11h às 12h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/ftj-iyku-tvi
Claudian	Arte	Quarta -7h às 8h	1º EM A, B, C e D	https://.google.com/jxa-kgmc-gpnmeet
Tânia	Biologia	Quarta - 9h às 10h	1º E.M B,C e D	https://meet.google.com/ufd-uprw-znn
Ariovaldo	Geografia	Quarta - 10h às 11h	1º EM A, B, C e D	https://meet.google.com/zkz-nqhy-ztj



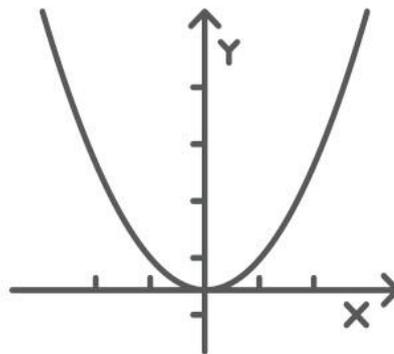
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Matemática	Professor(a): Adriana
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Definimos como **função do 2º grau**, ou **função quadrática**, a **função** $\mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, ou seja, uma função em que o domínio e o contradomínio são iguais ao conjunto dos números reais, e que **possui a lei de formação** $f(x) = ax^2 + bx + c$.

O **gráfico da função quadrática** é sempre uma **parábola** e possui elementos importantes, que são:

- as raízes da função quadrática, calculadas pelo x' e x'' ;
- o vértice da parábola, que pode ser encontrado a partir de fórmulas específicas.

Uma função polinomial é conhecida como função do 2º grau, ou também como função quadrática, quando em sua lei de formação ela **possui um polinômio de grau dois**, ou seja, $f(x) = ax^2 + bx + c$, em que a , b e c são números reais, e $a \neq 0$. Além da lei de formação, essa função possui **domínio e contradomínio no conjunto dos números reais**, ou seja, $f: \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$.



O gráfico da função do 2º grau é sempre uma parábola.

Exemplos:

a) $f(x) = 2x^2 + 3x + 1$

$a = 2$

$b = 3$

$c = 1$

b) $g(x) = -x^2 + 4$

$a = -1$

$b = 0$

$c = 4$

c) $h(x) = x^2 - x$

$a = 1$

$b = -1$

$c = 0$

Valor numérico de uma função

Para encontrar o valor numérico de qualquer função, conhecendo a sua lei de formação, basta realizarmos a **substituição do valor de x para encontrar a imagem f(x)**.

Exemplos:

Dada a função $f(x) = x^2 + 2x - 3$, calcule:

a) $f(0)$

$$f(0) = 0^2 + 2 \cdot 0 - 3 = 0 + 0 - 3 = -3$$

b) $f(1)$

$$f(1) = 1^2 + 2 \cdot 1 - 3 = 1 + 2 - 3 = 0$$

c) $f(2)$

$$f(2) = 2^2 + 2 \cdot 2 - 3 = 4 + 4 - 3 = 5$$

d) $f(-2)$

$$f(-2) = (-2)^2 + 2 \cdot (-2) - 3$$

$$f(-2) = 4 - 4 - 3 = -3$$

Raízes da função de 2º grau

Para encontrar as raízes da função quadrática, conhecidas também como zero da função, é necessário o domínio das [equações do segundo grau](#). Para resolver uma **equação do segundo grau**, há vários métodos, como a fórmula de Bhaskara e a soma e produto.

A raízes de uma função quadrática são os valores de x que fazem com que $f(x) = 0$. Sendo assim, para encontrar as raízes de uma equação do 2º grau, faremos $ax^2 + bx + c = 0$.

Exemplo:

$$f(x) = x^2 + 2x - 3$$

$$a = 1$$

$$b = 2$$

$$c = -3$$

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$\Delta = 2^2 - 4 \cdot 1 \cdot (-3)$$

$$\Delta = 4 + 12$$

$$\Delta = 16$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2a}$$

$$x = \frac{-2 \pm \sqrt{16}}{2 \cdot 1}$$

$$x = \frac{-2 \pm 4}{2}$$

$$x' = \frac{-2 + 4}{2} = \frac{2}{2} = 1$$

$$x'' = \frac{-2 - 4}{2} = \frac{-6}{2} = -3$$

Então, os zeros da função são $\{1, -3\}$.

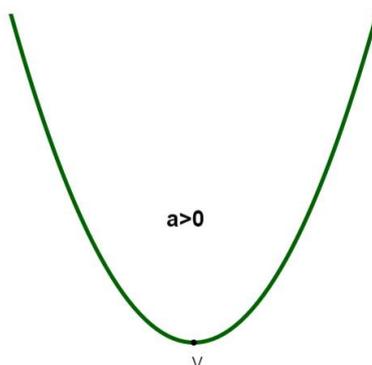
O valor do delta nos permite saber quantos zeros a função quadrática vai ter. Podemos separar em três casos:

- $\Delta > 0$ → a função possui duas raízes reais distintas;
- $\Delta = 0$ → a função possui uma única raiz real;
- $\Delta < 0$ → a função não possui raiz real.

Gráfico de uma função do 2º grau

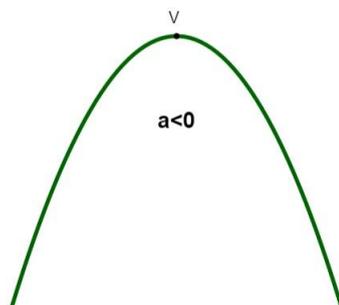
O gráfico de uma função do 2º grau é representado sempre por uma [parábola](#). Existem duas possibilidades, dependendo do valor do coeficiente “a”: a concavidade da parábola pode ser para cima ou para baixo.

Se $a > 0$, a concavidade é para cima:



O ponto V representa o que conhecemos como vértice da parábola, que, nesse caso, é o **ponto de mínimo**, ou seja, o menor valor que $f(x)$ pode assumir.

Se $a < 0$, a concavidade é para baixo:



Quando isso ocorre, perceba que, nesse caso, o vértice é o **ponto de máximo** da função, ou seja, maior valor que $f(x)$ pode assumir.

Para fazer o esboço do gráfico, precisamos encontrar:

- os zeros da função;
- o ponto em que a função intercepta o eixo y;
- o ponto de máximo ou de mínimo da parábola, que conhecemos como vértice da parábola.

Vértice da parábola

Como vimos anteriormente, o vértice da parábola é o ponto de mínimo ou de máximo do gráfico. Para **encontrar o valor de x e y no vértice**, utilizamos uma fórmula específica. Vale ressaltar que o vértice é um ponto V, logo ele possui coordenadas, representadas por x_v e y_v .

Para calcular o valor de $V(x_v, y_v)$, utilizamos as fórmulas:

$$x_v = \frac{-b}{2a}$$
$$y_v = \frac{-\Delta}{4a}$$

Exemplo:

Encontre o vértice da parábola $f(x) = -x^2 + 4x - 3$.

$$a = -1.$$

$$b = 4.$$

$$c = -3$$

Calculando o Δ e aplicando a fórmula de [Bhaskara](#), temos que:

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$\Delta = 4^2 - 4(-1)(-3)$$

$$\Delta = 16 - 12$$

$$\Delta = 4$$

$$x_v = \frac{-b}{2a} = \frac{-4}{2 \cdot (-1)} = \frac{-4}{-2} = 2$$

$$y_v = \frac{-\Delta}{4a} = \frac{-4}{4(-1)} = \frac{-4}{-4} = 1$$

Representação gráfica de uma função do 2º grau

Para realizar o esboço do gráfico de uma função, é necessário encontrar três elementos: os zeros ou raízes da função, o vértice e o ponto em que a função toca o eixo y , conforme o exemplo a seguir.

Exemplo:

$$f(x) = x^2 - 6x + 8$$

1º passo: As raízes da função são os pontos em que a parábola toca o eixo x , logo queremos encontrar os pontos $(x', 0)$ e $(x'', 0)$.

Para isso faremos $f(x) = 0$, então temos que:

$$x^2 - 6x + 8 = 0$$

$$a = 1$$

$$b = -6$$

$$c = 8$$

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$\Delta = (-6)^2 - 4 \cdot 1 \cdot 8$$

$$\Delta = 36 - 32$$

$$\Delta = 4$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2a}$$

$$x = \frac{+6 \pm \sqrt{4}}{2 \cdot 1}$$

$$x = \frac{6 \pm 2}{2}$$

$$x' = \frac{6 + 2}{2} = 4$$

$$x'' = \frac{6 - 2}{2} = 2$$

Já temos dois pontos para o gráfico, o ponto A(4,0) e o ponto B (2,0).

2º passo: encontrar o vértice da parábola.

$$x_v = \frac{-b}{2a} = \frac{+6}{2 \cdot (1)} = \frac{6}{2} = 3$$

$$y_v = \frac{-\Delta}{4a} = \frac{-4}{4 \cdot (1)} = \frac{-4}{4} = -1$$

Então o vértice da parábola é o ponto V(3, -1).

3º passo: encontrar o ponto de intersecção da parábola com o eixo y.

Para isso, basta calcular f(0):

$$f(x) = x^2 - 6x + 8$$

$$f(0) = 0^2 - 6 \cdot 0 + 8$$

$$f(0) = 8$$

Por fim, o ponto C (0,8) pertence ao gráfico.

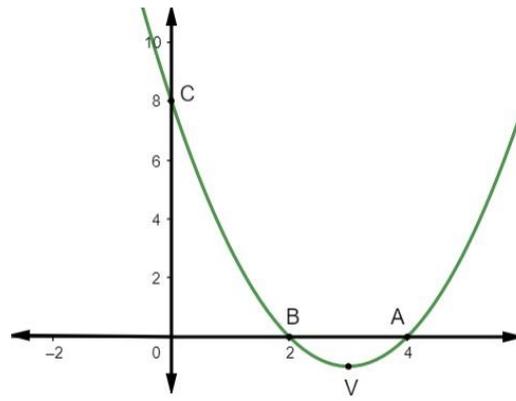
4º passo: Agora que temos os pontos, vamos marcá-los no [plano cartesiano](#) e fazer o esboço do gráfico da parábola.

A(4,0)

B(2,0)

V(3,-1)

C(0,8)



Vídeo explicativo: <https://www.youtube.com/watch?v=LhgksPaYQ5w>

<https://www.youtube.com/watch?v=7nFTizVbRsl>



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Arte	Professor(a): CLAUDIVAN
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Vamos conhecer a principal fonte de inspiração de artistas em vários períodos da história “ O CORPO HUMANO”.

Uma das primeiras representações do corpo humano na arte que se tem conhecimento são as Vênus do período paleolítico, entre elas, a Vênus de Willendorf, uma pequena escultura tida como uma representação humana de proporções irreais da anatomia feminina. Suas formas levam a crer que se trata de um autorretrato seguindo a maneira que as mulheres pré-históricas enxergavam seus corpos em uma época sem espelhos. De lá pra cá a representação da figura humana passou por diversos padrões estéticos e estudá-los nos leva a entender sua influência em como expressamos a nossa imagem na contemporaneidade.

Da mesma maneira que as vênus do paleolítico seguem certas convenções artísticas, obras posteriores apresentaram características parecidas. Os egípcios, por exemplo, possuíam rigorosos padrões estéticos. Suas representações eram feitas sempre a partir do seu ângulo mais característico de modo que o rosto era representado de perfil com apenas um olho, assim como visto frontalmente, na lateral do rosto. Já a metade superior do corpo era sempre traduzida de frente e os pés de perfil contornados a partir do dedão como se possuísse dois pés esquerdos. Tais regras lhes permitiam incluir tudo o que eles consideravam de essencial na imagem humana. Além disso, o tamanho das figuras era extremamente importante pois indicava a posição social da pessoa em questão: um Faraó era representado maior que sua esposa e consequentemente ainda maior que um criado.

Outros períodos também possuíam peculiaridades em suas representações. Na pintura gótica, por exemplo, o corpo humano existe apenas para contar uma narrativa bíblica, não existindo então a preocupação com as proporções e a fidelidade com o real. Já no período renascentista, com a influência do greco-romano antigo e os estudos sobre

perspectiva, a principal característica é demarcada pela anatomia bem representada. Parte disso advém dos padrões artísticos grego que buscavam retratar a figura do ser

humano com extrema complexidade, algo facilmente encontrado nas esculturas dessa época. A exemplo disso cabe ressaltar a escultura chamada de *Laocoonte e seus filhos* que data do período helenístico onde se é possível encontrar um estudo extraordinário dos músculos e do movimento do corpo humano, expressões faciais bem representadas e carregadas de sentimentos.

Já na pintura renascentista nomeada *O Nascimento de Vênus* de Sandro Botticelli, o corpo feminino da Vênus nua é o centro do quadro, nele nota-se uma preocupação semelhante a do período helenístico com a representação humana, algo bastante característico do renascimento e que passou a interferir no ideal de corpo feminino tanto na arte quanto na vida em sociedade até os dias atuais influenciando principalmente os ideais de beleza feminino que possuímos na nossa contemporaneidade: o bonito é ser uma mulher alta, magra e de proporções quase inalcançáveis.

Felizmente rupturas são bastantes comuns. Marie-Guillemine Benoist, uma pintora francesa neoclassicista, quebra esse ideal ao representar uma mulher negra apenas posando para um retrato sem acrescentar nenhum elemento exótico ou erótico em seu quadro *Portrait d'une négress*. Talvez um homem possa não concordar com minha afirmação e se sentir igualmente satisfeito ao observá-lo visto que o seio da representada está desnudo, mas, ainda assim, tal quadro demonstra uma ruptura significativa dos padrões artísticos de representação do corpo dado que, acima de tudo, é uma figura negra em questão.





PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Biologia	Professor(a): Tânia Cristina
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM B, C, D	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Ações do homem no meio ambiente - Unidade 7 - apostila do 2º bimestre

Introdução:

Como o homem é capaz de destruir inteiramente o seu habitat e de suprimir os fatores que condicionam a sua existência, muito antes de sofrer os efeitos dessa destruição.

Foi graças a sua inteligência que ele sobreviveu. Há pouco mais de cem anos, com as conquistas tecnológicas e científicas, se tornou capaz de responder mais facilmente aos desafios da natureza. A partir daí, o crescimento populacional passou a ser muito maior e o domínio do homem sobre a natureza aumentou cada vez mais.

A relação do homem com a natureza no Brasil e no mundo

A tecnologia empregada evoluiu rapidamente e as consequências indesejáveis se agravaram com igual rapidez. A exploração de recursos naturais passou a ser feita de forma demasiadamente intensa.

O início da destruição começou com a extração do pau-brasil, que marcou nosso primeiro ciclo econômico, hoje várias plantas de interesse extrativista e econômico, como o pau-brasil e o palmito, estão quase extintas.

O que mais surpreende, é que o Brasil está entre os países com o maior número de leis de proteção ambiental. Apesar disso, nossas florestas perdem 1% de suas superfícies, a cada dois anos, por causa de queimadas e desmatamentos. Essas duas ações juntamente com a caça, estão provocando o desaparecimento de espécies inteiras, o que ameaça o equilíbrio dos ecossistemas.

Boa parte dos problemas ambientais da floresta amazônica é provocada pelo homem e por suas atividades econômicas: a exploração de madeiras, os garimpos e as agroindústrias. Não se pode esquecer também do impacto causado pela construção das hidrelétricas e pelas queimadas.

A natureza demorou milhões de anos para ter equilíbrio em relação aos ecossistemas. Porém, uma pequena mudança pode provocar o desequilíbrio ecológico. O processo de desflorestamento ocorre há milhares de anos. Em algumas regiões do mundo, as florestas foram realmente destruídas. Na Europa, e nos Estados Unidos, por exemplo, quase não há mais florestas nativas.

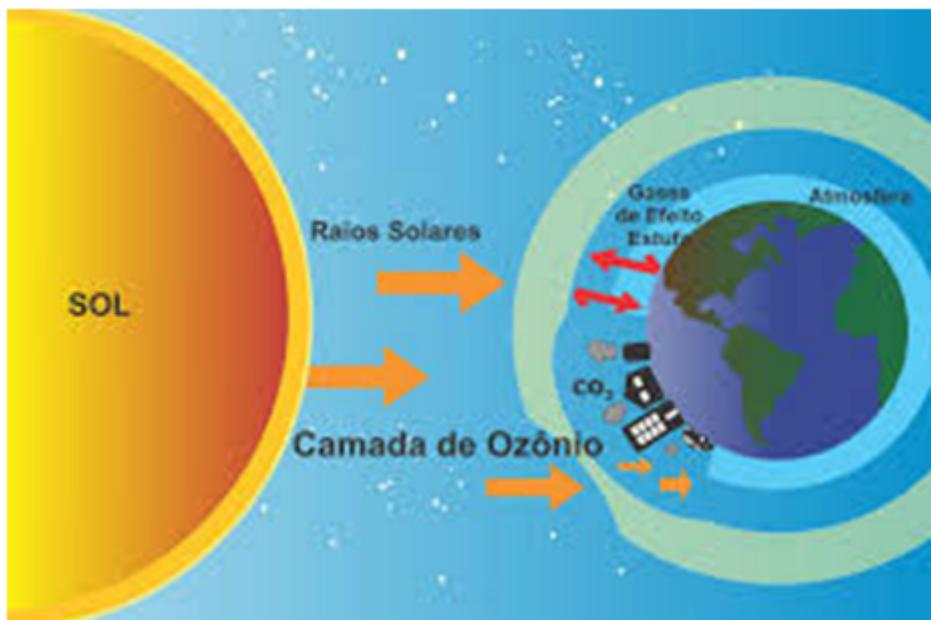
A destruição de florestas, ocorre principalmente pelo processo de queimada, que também contribui para o desenvolvimento do efeito estufa, provocando o aquecimento global.

Atualmente, o desflorestamento ainda ocorre, principalmente, na região amazônica. A floresta amazônica tem sido destruída para a retirada de madeiras nobres (para a venda) e também para a abertura de pastagens e áreas agrícolas (principalmente de soja).

Um dos grandes problemas ecológicos dos nossos dias reside no fato de que o ritmo de exploração, degradação dos recursos naturais, se tornou, em muitos domínios, mais acelerado do que a capacidade da natureza para repô-los.



Camada de Ozônio



Protege os seres-humanos contra os raios ultravioleta. Está quase esgotada por constante uso de clorofluorcarbonos – produtos sintéticos que incluem aerossóis, equipamentos de refrigeração, espuma e outros químicos liberados pelas empresas industriais; Os raios UV podem causar câncer de pele e catarata. Cientistas descobriram buraco de ozônio na estratosfera da Antártida, grande preocupação considerando que os gases de efeito estufa estão arruinando a camada.

Poluição do mar

A **poluição** marinha ocorre porque tanto os mares quanto os oceanos recebem diariamente, em todo o mundo, uma infinidade de **poluentes**, como esgoto doméstico, industriais, lixo sólido, que são levados pelos rios que deságuam no **mar**.



Poluição do solo

A poluição do solo, ou seja, a camada superficial da crosta terrestre, ocorre devido os malefícios diretos e indiretos causados pela desordenada exploração e ocupação do meio ambiente, depositando no solo elementos químicos estranhos, prejudiciais às formas de vida microbiológica e sua colaboração em relação às interações ecológicas regulares.

As principais causas da poluição do solo são: o acúmulo de lixo sólido, como embalagens de plástico, papel e metal, e de produtos químicos, como fertilizantes, pesticidas e herbicidas.





PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA		
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO		
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”		
Disciplina: Biologia	Professor(a): Jaqueline	
Nome do Aluno:	Nº	
Ano/série: 1ºEM A	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021	

Ciclo do nitrogênio

O ciclo do nitrogênio garante que esse elemento circule pelo ambiente físico e pelos seres vivos. O nitrogênio é encontrado nas rochas, no fundo dos oceanos, nos sedimentos e na atmosfera. Na atmosfera, ele é encontrado na forma de gás e representa 79% dos gases presentes nessa camada.

Apesar de ser encontrado em grande quantidade na atmosfera, são raros os seres vivos que aproveitam o nitrogênio da atmosfera. Esses organismos são conhecidos como fixadores de nitrogênio. Entre os organismos capazes de utilizar esse nitrogênio, estão alguns tipos de bactérias.

Durante o ciclo do nitrogênio, é possível perceber que os vegetais conseguem obter esse elemento por meio de sais nitrogenados disponíveis no ambiente. As plantas, por exemplo, conseguem utilizar apenas os íons amônio (NH_4^+) e nitrato (NO_3^-). Já os consumidores, como os animais, conseguem obter o nitrogênio por meio da alimentação.

O nitrogênio participa da constituição das moléculas:

- Proteínas.
- Ácidos nucleicos (DNA e RNA).
- Clorofila.

O ciclo do nitrogênio garante a ciclagem deste elemento no ambiente, disponibilizando-o para os seres vivos e liberando-o novamente para o meio. Assim, o nitrogênio pode ser, posteriormente, reutilizado por outros organismos.

Etapas do ciclo do nitrogênio (Resumo)

- Fixação do nitrogênio por bactérias, como as do gênero *Rhizobium*;
- Decomposição da matéria orgânica e formação do íon amônio;
- Processo de nitrificação, na qual são observadas duas etapas: nitrosação e nitratação.
- Desnitrificação, na qual as bactérias desnitrificantes garantem a transformação de nitratos em gás nitrogênio.

Etapas do ciclo do nitrogênio

1. Fixação do nitrogênio

- Transformação do N₂ (Nitrogênio atmosférico) em amônia e nitrato

Nessa etapa do ciclo, ocorre a fixação do **nitrogênio atmosférico – N₂** com a ajuda, principalmente, de bactérias:

- *Rhizobium*
- Do gênero *Anabaena* e *Nostoc*.

Sem dúvidas, as bactérias mais importantes para essa etapa são as bactérias do gênero *Rhizobium*, as quais vivem associadas às raízes de plantas leguminosas, como feijão, ervilha e soja. Essas bactérias formam nódulos na região cortical das raízes dessas plantas, onde agem captando o nitrogênio atmosférico e transformando-o em amônia (NH₃), que será utilizada pela planta. Essas bactérias estabelecem uma **relação mutualística** com o vegetal, fornecendo às plantas os sais de nitrogênio de que elas precisam, enquanto recebem delas a matéria orgânica que foi produzida no processo de fotossíntese.

2. Ação dos decompositores

Detritos orgânicos e resíduos nitrogenados sofrem ação dos decompositores (bactérias e fungos) que transformam os compostos nitrogenados em amônia ou amônio. Esse fenômeno recebe o nome de **AMONIFICAÇÃO**.

3. Nitrificação

Bactérias nitrificantes transformam a amônia em nitratos.

Esse processo ocorre em duas etapas:

- Primeira etapa - **Nitrosação**: bactérias transformam a amônia em NITRITO.

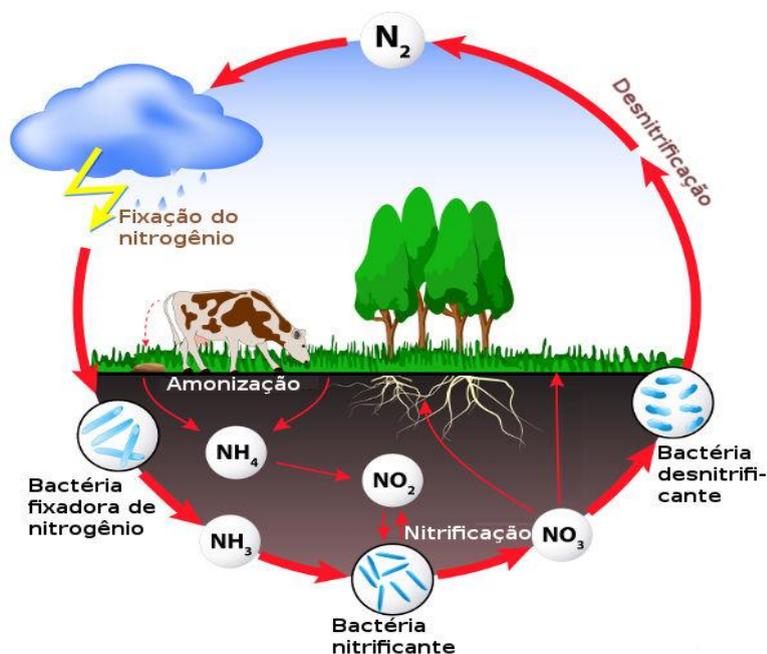
Obs: os nitritos são tóxicos para as plantas e não podem se acumular no solo.

- Segunda etapa – **Nitratação**: conversão do nitrito em NITRATO por ação das bactérias do gênero *Nitrobacter*.

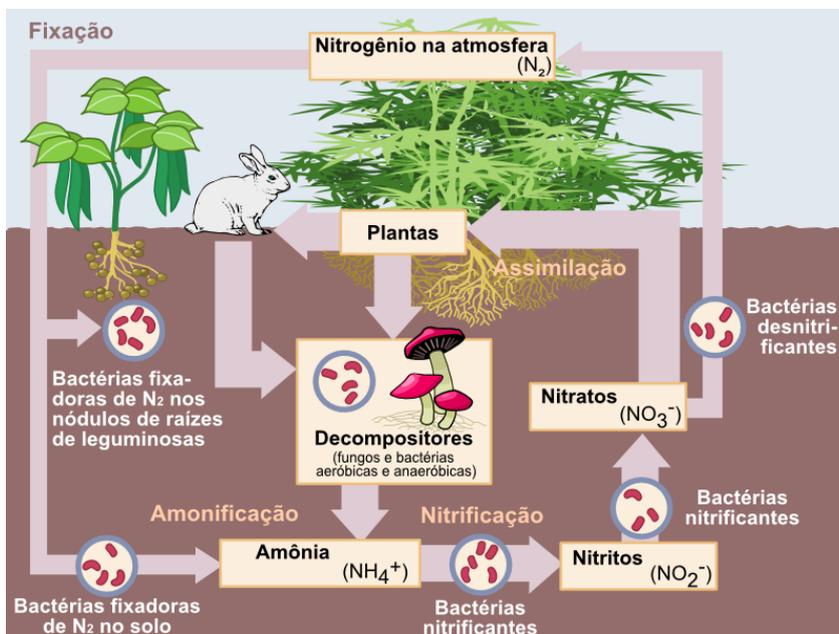
Obs: os nitratos são absorvidos pelos vegetais e utilizados e seus processos bioquímicos.

4. Desnitrificação

O ciclo do nitrogênio completa-se com a ação das bactérias desnitrificantes. Essas bactérias transformam a amônia ou nitratos em nitrogênio gasoso – N₂ que retorna à atmosfera.



Ciclo do nitrogênio



Ciclo do nitrogênio

Desse modo, o ciclo do nitrogênio apresenta as seguintes bactérias:

- Fixadoras, como é as do gênero *Rhizobium*;
- Decompositoras, que garantem o processo de amonização;
- Nitrificantes, como as *Nitrosomonas* e *Nitrosococcus*, que realizam o processo de nitrificação, e as *Nitrobacter*, que realizam o processo de nitração;
- Desnitrificantes, que garantem a liberação de nitrogênio para a atmosfera.

Rotação de Culturas

Um procedimento bastante utilizado em agricultura é a “rotação de culturas”, na qual se alterna o plantio de não leguminosas (o milho, por exemplo), que retiram do solo os nutrientes nitrogenados, com leguminosas (feijão), que devolvem esses nutrientes para o meio.

As bactérias formam nódulos na região cortical das raízes dessas plantas – leguminosas, onde agem captando o nitrogênio atmosférico e transformando-o em amônia (NH_3), que será utilizada pela planta. Essas bactérias estabelecem uma relação mutualística com o vegetal, fornecendo às plantas os sais de nitrogênio de que elas precisam, enquanto recebem delas a matéria orgânica que foi produzida no processo de fotossíntese.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Educação Física	Professor(a): Eni Cruz
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Curiosidades sobre a origem da dança



A dança, como arte, passou por muitas evoluções ao longo da história.

A existência da dança remonta aos tempos pré-históricos: em algumas cavernas europeias, africanas ou asiáticas, há desenhos dos primeiros homens que praticavam essa arte. O homem primitivo pintava nas paredes das grutas, cavernas e galerias subterrâneas cenas de caça e rituais que representavam a caça. Acreditavam ser possível, pela representação pictórica, alcançar determinados objetivos, como abater um animal, por exemplo.

Foi aproximadamente em 4.000 a.C. que a técnica da dança começou a aparecer. Alguns homens começaram a desenvolver danças religiosas, incorporando movimentos como o espacate, as danças em casal ou torneios. Graças à simetria dos dançarinos e às novas sequências coreográficas, a dança começou a se tornar graciosa e harmoniosa.

Embora a dança fosse importante no Egito Antigo, é principalmente na Grécia que esta arte ganhou um lugar relevante!

A dança tinha diversas funções para os antigos:

- Se comunicar e criar amizades durante as interações sociais,
- Rezar para um deus durante cerimônias oficiais e rituais religiosos,
- Para curar enfermos, especialmente durante as danças macabras,
- Expressar sentimentos ao sexo oposto ou à família.

Homens, mulheres e crianças nem sempre praticavam os mesmos estilos de dança. Na verdade, a dança era acima de tudo um meio de distinguir a condição social, sexo, idade e país de origem de dançarinos antigos.

É particularmente difícil conhecer a história da dança na Idade Média. Durante estes séculos, apenas uma pequena elite (nobres ou clérigos) sabia escrever e ler. Há, portanto, poucos registros sobre a dança da Idade Média, já que ela era sobretudo praticada pelo povo.

A partir do século VI, os povos europeus inventaram estilos de danças divertidas para praticar em grupos em torno de um cantor. A dança e a música eram duas atividades inseparáveis: as pessoas reproduziam o coro do cantor enquanto dançava ao seu redor.

Foi apenas no século 18 que surgiu uma dança bem conhecida do dançarino profissional: o balé!

A evolução da dança é imprescindível para o estudo da história da arte e para aqueles que desejam se tornar profissionais da dança, como dançarinos em competições oficiais ou até mesmo professores de dança.

Tudo sobre dança: da primitiva à dança contemporânea

Ahhh, dançar, dançar, dançar e dançar... Poucas coisas na vida são mais gostosas do que se soltar numa pista de dança, de verdade! Já mencionamos que a dança é uma das expressões artísticas humanas mais antigas. Se na pré-história o homem dançava pela vida e pela sobrevivência, muito se evoluiu de lá pra cá!

A dança recebeu características sagradas, ritualísticas, repleta de gestos místicos. Dizem que na Grécia a dança, como já dissemos, ajudava nas lutas e na conquista da perfeição do corpo. Já na Idade Média, uma época de muitos retrocessos, a dança se torna profana e é abandonada por muitos, embora os camponeses continuem a dançar, de forma comedida.

Ressurgindo no Renascimento, a dança possui história e tem evoluído junto com as demais artes de expressão humana, as artes visuais, a música e o teatro. Podemos dizer que houve uma variada e rica evolução da dança primitiva e das danças milenares, passando pela dança moderna e a contemporânea. Vamos ver algumas de suas características um pouco mais de perto!

Dança Primitiva

Muitos estudiosos afirmam que a dança nasceu ligada às práticas mágicas e míticas do homem. Com o passar do tempo e o desenvolvimento da civilização, ocorre a separação entre rito e dança.

O homem optava por dançar por diversas razões, dançava pela sobrevivência em um ambiente hostil, dançava para a natureza à procura de alimento, dançava para a água e várias outras forças da natureza à procura de proteção e também sob forma de agradecimento.

A dança vivia muito próxima de certas práticas instintivas e vários dos acontecimentos quotidianos ficaram registrados nas paredes das cavernas sob a forma de desenhos rupestres.

Ao que tudo indica, o homem primitivo pintava nas paredes das grutas e cavernas cenas de caça e rituais que representavam a caçada. Ao fazer isso, parecia acreditar ser possível, através da representação pictórica, alcançar determinados objetivos, como abater um grande animal, por exemplo.



A dança milenar indiana é um bom exemplo de dança ritualística.

Danças milenares

No Egito: a dança praticada no antigo Egito era ritualística e apresentava características sagradas. Em outras palavras, dançava-se para os próprios deuses, em datas comemorativas, casamentos e funerais.

Na Grécia: a dança originou-se de rituais religiosos em que os gregos acreditavam no seu poder mágico, assim os vários deuses gregos eram cultuados de diferentes formas.

As danças preparam fisicamente os guerreiros e sempre eram feitas em grupos. Na Grécia Antiga, a dança era muito difundida e de papel importante no teatro, a dança se manifestava através do coro.

Roma: a dança não evolui muito, entrando em decadência. Só irá recuperar sua importância no Renascimento.

Idade Média: nesse período, a dança, assim como várias outras expressões artísticas atravessou um retrocesso. A dança, por utilizar o corpo como forma de expressão, passou a ser considerada profana. No entanto, os camponeses continuaram a praticá-la.

Renascimento: é nesse período que a dança ressurgiu, sendo muito apreciada pela nobreza. Ela torna-se mais complexa e assume um aspecto social, passando a receber estudos específicos realizados por pessoas e grupos organizados. É nessa fase que a dança passa a ser conhecida como balé.

Até esse período a dança era realizada de forma improvisada e é durante o Renascimento que a dança salta de uma atividade lúdica, de divertimento, improvisada, para uma forma mais disciplinada de movimento, surgindo repertórios de movimento estilizados.

O emprego do termo balé, na época *balletto*, significava um conjunto de ritmos e passos. A moda do balletto na Itália espalha-se também pela França, durante o século XVI.

O século seguinte, o XVII, é considerado o grande século do balé, saindo dos salões e cabarés e passando para os palcos dos grandes teatros. Foi através desse movimento que os primeiros espetáculos de dança surgiram.

A partir do século XVIII, o drama-balé-pantomima é executado nos palcos de teatros por verdadeiros profissionais de ambos os sexos. A dança, como forma artística, atinge todo o seu esplendor, com exuberantes e belos cenários e figurinos. O balé passa a contar uma narrativa com começo, meio e fim.

Romantismo: o termo romantismo é absorvido pelo balé que, até aquele momento, discursava artisticamente em histórias sobre fadas, bruxas e feiticeiras. É nesse período que a dança procura recuperar a harmonia entre o homem e o mundo. É nessa época que os bailarinos começam a usar sapatilhas, completando a revolução do balé.

Em seguida, na segunda metade do século XIX uma mulher revolucionou toda a dança, Isadora Duncan, que imprimiu uma imensa renovação com uma dança mais livre, mais solta e mais autêntica, ligada à vida real.



A dança moderna surgiu desafiando as formalidades do balé clássico. Nela os bailarinos exploram mais seus movimentos corporais e os improvisos.

Dança Moderna: em essência, a dança moderna é uma negação da formalidade do balé. O trabalho dos bailarinos é mais livre, porém os mesmos não rompem completamente com a estrutura do balé clássico.

Essa liberdade de movimento possibilita uma exploração muito maior dos movimentos corporais e existe um amplo estudo das possibilidades motoras do corpo humano. Solos de improvisação são bastante frequentes.

Martha Graham e Nijinsky são os grandes nomes revolucionários desse período. Vaslav Nijinsky foi um dançarino e coreógrafo nascido em Kiev. Ficou reconhecido por sua exímia técnica e pelo virtuosismo no qual ele encarna os personagens. Muitos diziam que Nijinsky conseguiu desafiar a gravidade e foi considerado o melhor bailarino de sua geração e um dos melhores do mundo.

Já Martha Graham foi uma bailarina americana de dança moderna e também coreógrafa. Seu estilo, a técnica Graham como ficou conhecida, reconfigurou toda a dança americana e é até hoje ensinado nas escolas de dança. Na década de cinquenta, Martha criou um novo modo de dançar independente da música, focando-se sobretudo nos sentimentos que qualquer som ou nota musical pode provocar. Isso abriu infinitas possibilidades de dança.

Dança Contemporânea: esse estilo mais contemporâneo de dança é complexo e difícil de ser definido. Ele é algo que deseja não ser previsível, é novo, é ruptura mas é algo reconhecível ao mesmo tempo. Em outras palavras, a dança contemporânea deixa de ter uma estrutura clara, e preocupa-se mais com a transmissão de conceitos, ideias e sentimentos do que puramente com o lado estético.

Surgida na década de 1960, é considerada uma forma de protesto ou rompimento com a cultura clássica. Após um período de intensas explorações e inovações, que às vezes chegava à beira da total desconstrução da arte, finalmente, na década de 1980, a dança contemporânea encontrou seu rumo e começou a se definir, desenvolvendo uma linguagem própria.

É interessante que você note que os movimentos rompem com os movimentos clássicos e os da dança moderna, ao mesmo tempo em que modificam o espaço, usando toda a *mise-en-scène* como local de referência e não apenas o palco.

Portanto, a dança contemporânea torna-se uma explosão de movimentos e criações. O bailarino escreve no tempo e no espaço conforme surgem e ressurgem ideias, sentimentos e emoções.

Os temas abordados são um reflexo da sociedade e da cultura vivenciados, uma sociedade em mudança. Conta com temas diversificados, abertos, em construção, que catalisam o encontro entre o bailarino e o público, numa interação entre sujeitos comunicativos.

É nesse tipo de dança que percebemos que o corpo é o mais livre em todas, pois é dotado de maior autonomia.

A dança contemporânea é, nesse sentido, uma circulação de energias, ora explosiva, ora contida. A respiração, a alternância da tensão e do relaxamento em Martha Graham, o desequilíbrio e o jogo do corpo com a gravidade em D. Humphrey, o trabalho do diálogo da pele e do espaço retomado às origens do movimento em E. Decroux, enfim, várias são as técnicas e olhares possíveis.

Outra importante diferença da dança contemporânea é que ela não possui uma única técnica estabelecida, como não podia deixar de ser, certo? E isso abre um espaço maior ainda para que todos possam praticá-la caso queiram.



Existem várias modalidades de dança e uma das mais queridas é a dança de salão, já que é praticada em um grande salão onde as pessoas dançam e, ao mesmo tempo, se divertem.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal "Professor Aldonio Ramos Teixeira"	
Disciplina: Física	Professor(a): Gisele/Marcos
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Tema: Energia

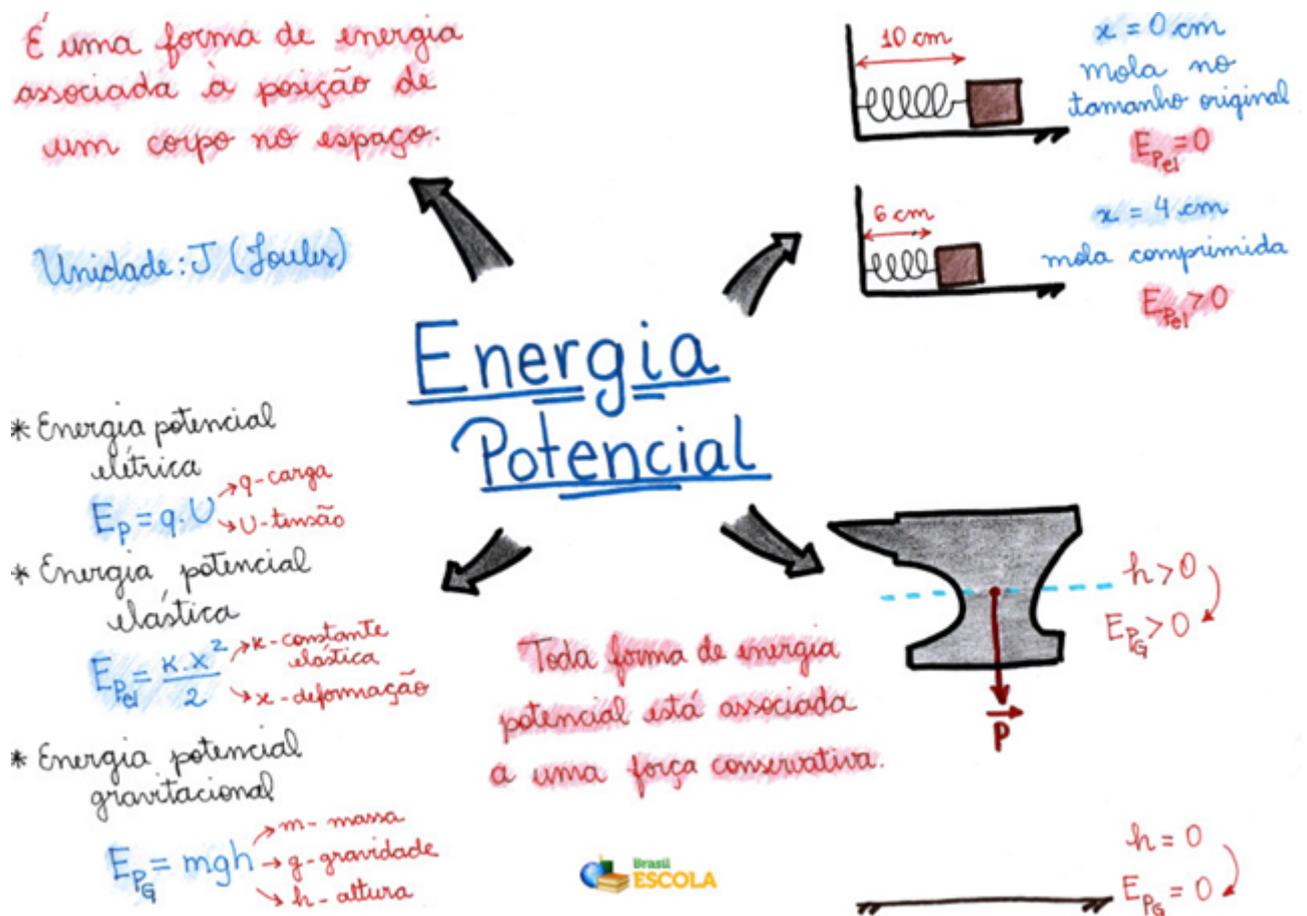
Assistir o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3ESkxyY9qjo>

Ler o texto abaixo: Energia potencial e energia cinética

Energia Potencial

Energia potencial é uma forma de energia que pode ser armazenada por um corpo e que depende da posição desse corpo. Toda energia potencial pode ser transformada em outras formas de energias potenciais ou em energia cinética por meio da aplicação de uma força sobre o corpo.

Mapa Mental: Energia Potencial



Energia potencial gravitacional é a energia relacionada à altura de um corpo em relação ao solo. Trata-se de uma grandeza escalar, definida unicamente pelo seu módulo, medido em joules (J). A energia potencial gravitacional é definida por meio da seguinte equação:

$$E_p = mgh$$

Legenda:

E_p – energia potencial gravitacional (J – joules)

m – massa do corpo (kg – quilogramas)

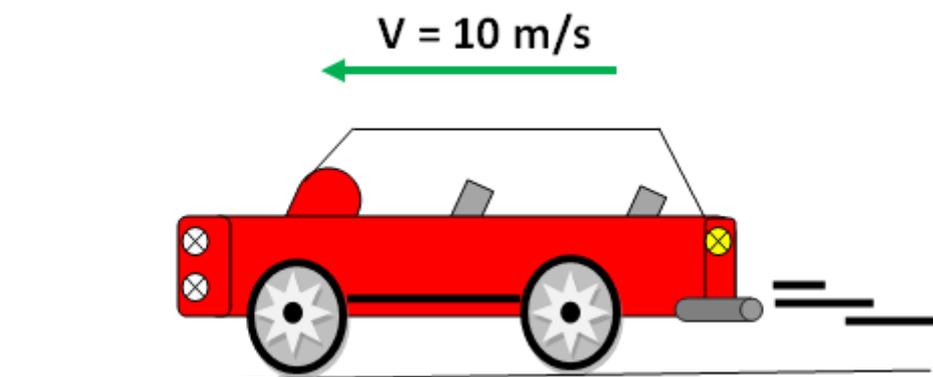
h – altura do corpo em relação ao solo (m – metros)

Como a energia potencial é escalar, ela pode ser definida em relação a qualquer referencial. Por exemplo: um corpo que se encontra na cobertura de um prédio tem uma grande energia potencial gravitacional em relação à rua, entretanto, sua energia potencial relativa àquela cobertura é nula.

1. A energia cinética

A energia cinética é a energia associada ao movimento dos corpos, e qualquer objeto que detenha velocidade a possui. Um carro que se move com certa velocidade com relação ao asfalto, conforme visto na Fig. 2, certamente possui energia cinética.

Figura 2. Carro em movimento.



Matematicamente, a energia cinética é diretamente proporcional à massa do corpo e ao quadrado de sua velocidade. Quantificamos a energia cinética com a seguinte expressão:

$$E_c = \frac{1}{2} mv^2$$

Onde m é a massa do corpo e v é a velocidade na qual ele se encontra com relação ao referencial adotado. A unidade usada para a energia cinética no Sistema Internacional é J, o qual chamamos de joule.

A partir desta expressão, podemos intuir que, para um corpo em movimento com relação a um ponto de referência:

se dobrarmos sua massa, mantendo a velocidade constante, a energia cinética também dobra;

se dobrarmos sua velocidade, mantendo a mesma massa, quadruplicamos a energia cinética.

Imagine a seguinte situação: um carro e um caminhão seguem uma rodovia no mesmo sentido e com mesma velocidade. Fica fácil descobrir que o caminhão possui maior energia cinética, devido à sua massa. Agora, suponha que este caminhão siga o mesmo sentido que um projétil disparado por uma arma. Um projétil com massa em torno de 50 gramas pode alcançar 1050 km/h. Já um caminhão, tendo cerca de 10 toneladas, pode atingir até 90 km/h em rodovias. Portanto, fazendo um cálculo simples, veremos que o caminhão é o vencedor.

Como a energia cinética é associada ao movimento, um corpo em repouso com relação a determinado referencial possuirá energia cinética nula! Além disso, não existe massa negativa e qualquer número elevado a um expoente par é positivo. Assim, constatamos que o valor numérico da energia cinética é sempre positivo.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Química	Professor(a): LILIAN
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Funções Inorgânicas

As funções inorgânicas são os grupos de compostos inorgânicos que apresentam características semelhantes.

Uma classificação fundamental em relação aos compostos químicos é: os compostos orgânicos são aqueles que contêm átomos de carbono, enquanto os **compostos inorgânicos** são formados pelos demais elementos químicos.

Há exceções como, por exemplo, CO, CO₂ e Na₂CO₃, que embora apresentem o carbono na fórmula estrutural, possuem características de substâncias inorgânicas.

As quatro principais funções inorgânicas são: **ácidos, bases, sais e óxidos**.

Essas 4 funções principais foram definidas por Arrhenius, químico que identificou íons nos ácidos, nas bases e nos sais.

Ácidos

Ácidos são compostos covalentes, ou seja, que compartilham elétrons nas suas ligações. Eles têm a capacidade de ionizar em água e formar cargas, liberando o H⁺ como único cátion.

Classificação dos ácidos

Os ácidos podem ser classificados de acordo com a quantidade de hidrogênios que são liberados em solução aquosa e ionizam-se, reagindo com a água formando o íon hidrônio.

Número de hidrogênios ionizáveis

Monoácidos: possuem apenas um hidrogênio ionizável.

Exemplos: HNO₃, HCl e HCN

Diácidos: possuem dois hidrogênios ionizáveis.

Exemplos: H₂SO₄, H₂S e H₂MnO₄

Triácidos: possuem três hidrogênios ionizáveis.

Exemplos: H₃PO₄ e H₃BO₃

Tetrácidos: possuem quatro hidrogênios ionizáveis.

Exemplos: H₄P₇O₇

A força de um ácido é medida pelo grau de ionização. Quanto maior o valor de α mais forte é o ácido, pois:

$$\alpha = \frac{\text{número de moléculas ionizadas}}{\text{número de moléculas dissolvidas}}$$

Grau de ionização

Fortes: possuem grau de ionização superior a 50%.

Exemplos: HCl $\alpha = 92,5\%$

HNO₃ $\alpha = 92\%$

Moderados: possuem grau de ionização entre 5% e 50%.

Exemplos: H₂SO₃ $\alpha = 30\%$

H₃PO₄ $\alpha = 27\%$

Fracos: possuem grau de ionização inferior a 5%.

Exemplos: H₂S $\alpha = 0,076\%$

HCN $\alpha = 0,008\%$

Os ácidos podem conter ou não o elemento oxigênio na sua estrutura, sendo assim:

Presença de oxigênio

Hidrácidos: não apresentam átomos de oxigênio.

Exemplos: HCl, HBr e HCN.

Oxiácidos: O elemento oxigênio está presente na estrutura do ácido.

Exemplos: HClO, H₂CO₃ e HNO₃.

Nomenclatura dos ácidos

A fórmula geral de um ácido pode ser descrita como **HxA**, onde A representa o ânion que compõe o ácido e a nomenclatura gerada pode ser:

Terminação do ânion	Terminação do ácido
eto Exemplo: Cloreto (Cl ⁻)	ídrico Exemplo: ácido clorídrico (HCl)
ato Exemplo: clorato (ClO ₃ ⁻)	ico Exemplo: ácido clórico (HClO ₃)
ito Exemplo: nitrito (NO ₂ ⁻)	oso Exemplo: ácido nitroso (HNO ₂)

Características dos ácidos

As principais características dos ácidos são:

- Têm sabor azedo.
- Conduzem corrente elétrica, pois são soluções eletrolíticas.
- Formam o gás hidrogênio quando reagem com metais, como magnésio e zinco.
- Formam gás carbônico ao reagir com carbonato de cálcio.
- Alteram para uma cor específica os indicadores ácido-base (papel de tornassol azul fica vermelho).

Principais ácidos

Exemplos: ácido clorídrico (HCl), ácido sulfúrico (H₂SO₄), ácido acético (CH₃COOH), ácido carbônico (H₂CO₃) e ácido nítrico (HNO₃).



TodaMatéria

Aplicações dos ácidos

Ácido clorídrico

$H - Cl$



Utilizado na limpeza, é comercializado impuro como ácido muriático.

Ácido sulfúrico



$\begin{array}{c} O & O \\ \diagdown & / \\ S \\ / & \diagdown \\ OH & OH \end{array}$

Utilizado na indústria de tintas, refino de açúcar e produção de fertilizantes.

Ácido acético

Utilizado no vinagre em uma porcentagem de 3% a 7%.

$H_3C - \begin{array}{c} O \\ || \\ C \\ | \\ OH \end{array}$



Ácido carbônico

Utilizado em água gaseificada e refrigerantes.

$H - O - \begin{array}{c} O \\ || \\ C \\ | \\ O - H \end{array}$



Ácido nítrico



$\begin{array}{c} O \\ || \\ -O - N^+ \\ | \\ OH \end{array}$

Utilizado na fabricação de explosivos e fertilizantes.

Embora o ácido acético seja um ácido da Química Orgânica, é importante conhecer a sua estrutura devido a sua importância.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: História	Professor(a): Marina de Andrade
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 02/06/2021

Os Hebreus

Os **hebreus** foram um dos povos da Antiguidade e habitaram a região de Canaã, atualmente conhecida como Palestina. A história hebraica é marcada por três grandes períodos:· Patriarcas;· Juízes;· Monarquia.

Durante o domínio romano, os hebreus começaram a abandonar a região em razão da violência praticada contra eles.

Origem dos Hebreus

A história dos hebreus está relacionada com o **patriarca Abraão**. Esse personagem é apresentado no relato bíblico como um pastor seminômade que vivia na região de Ur, localizada na Mesopotâmia .Esse relato conta que Abraão teria recebido uma profecia para que abandonasse a região e se estabelecesse em outro lugar, que seria indicado por Deus.

Essa migração levou Abraão a Canaã, local que atualmente conhecemos como Palestina. Lá os hebreus encontraram terras férteis no **Vale do Rio Jordão**, embora muitos tenham se estabelecido em regiões desérticas. O seminomadismo continuou sendo uma prática comum, e essa fase iniciada por Abraão ficou conhecida como **Período dos Patriarcas**.

Entretanto, muitos historiadores entendem que a história de Abraão é um **mito de origem**. Isso porque, sustentam esses historiadores, os hebreus provavelmente surgiram no interior da sociedade cananéia

Migração para o Egito

Depois de se estabelecerem em Canaã, os hebreus mudaram-se para o Egito Existe divergência dos historiadores se essa migração aconteceu em pequena ou larga escala. De toda forma, acredita-se que isso pode ter acontecido por volta de 1700 a.C. A motivação dessa migração teria sido a escassez de alimentos em Canaã, enquanto no Egito havia abundância de terras férteis.

A chegada dos hebreus ao Egito teria coincido com o período em que a região estava sob domínio dos **hicsos**, um povo de origem semita, como os hebreus. Isso possibilitou que os hebreus se estabelecessem no território egípcio sem problemas, chegando até a ocupar posições de proeminência na administração do Egito.

Depois da expulsão dos hicsos, os hebreus teriam sido punidos pela colaboração com os invasores. Os hebreus, escravizados pelos egípcios, conseguiram sua libertação por meio de **Moisés**, em aproximadamente 1300 a.C.

Retorno a Canaã

A libertação do Egito e o retorno dos hebreus para Canaã configuraram o chamado **Êxodo**. Os historiadores afirmam que a migração de hebreus do Egito para Canaã aconteceu, embora afirmem que a quantidade de hebreus que migrou não deve ter sido tão grande como sugere a narrativa bíblica. Então podemos dizer que a história do Êxodo realmente ocorreu, mas foi apresentada de forma mitificada na Bíblia.

De toda forma, os hebreus viveram como nômades na Península do Sinai e depois procuraram fixar-se em Canaã, mas a região já era ocupada por outros povos, como **cananeus** e **filisteus**. A narrativa bíblica fala que os hebreus teriam iniciado uma campanha militar para conquistar a terra, mas os historiadores questionam essa afirmação.

Os historiadores afirmam que a infiltração dos hebreus em Canaã foi **lenta**, e não existem muitos indícios que apontam uma invasão militar em larga escala. Outros historiadores apontam para o fato de que houve campanha militar, mas que ela não teria sido em larga escala e nem teria realizado a conquista plena da região. Vestígios da fundação de aldeias ao norte de Jerusalém são encarados como indícios da chegada hebraica em Canaã.

Nessa fase da história hebraica, a grande autoridade dos hebreus eram os chefes militares, conhecidos como **juízes**

Monarquia

Após se estabelecerem em Canaã, os hebreus deram início a uma fase de **centralização do poder** e expansão de suas fronteiras, o que resultou no surgimento da monarquia hebraica. Essa monarquia surgiu por meio de **Samuel**, o último juiz hebreu, que, no final do século XI a.C., decidiu coroar Saul como rei.

A motivação para isso seria a garantia da segurança das terras hebraicas, uma vez que, com o enfraquecimento de grandes reinos (Assíria e Egito), novos povos teriam surgido como potências. Esses povos, como os **moabitas**, procuravam expandir seus domínios e terras, colocando-se como ameaça aos hebreus.

A monarquia era a alternativa, pois uma liderança forte poderia garantir a defesa dos hebreus. A monarquia hebraica teve três grandes reis, que foram:

- **Saul** (1030-1010 a.C.);
- **Davi** (1010-970 a.C.);
- **Salomão** (970-930 a.C.).

Obs.: As datas são aproximativas e datam o auge da monarquia hebraica.

O reinado de Saul ficou marcado por algumas conquistas militares, mas ele acabou morrendo em batalha contra os filisteus. O sucessor foi Davi, que precisou disputar o poder de Israel com Isboset, filho de Saul

Por fim, o reinado de Salomão foi um período de prosperidade econômica, destacando-se a grande obra envolvida na construção do **Templo de Jerusalém**, um lugar que se tornou sagrado para os hebreus.

Diáspora

Depois do reinado de Salomão, o Reino de Israel enfraqueceu-se. A unidade territorial foi quebrada quando o reino se dividiu em dois: **Reino de Judá e Reino de Israel**. Esse enfraquecimento permitiu que **assírios, caldeus**, persas, macedônios e romanos conquistassem a região. Durante o domínio babilônico (caldeus), os hebreus foram escravizados, e o Templo de Jerusalém, destruído, no século VI a.C.

Depois que os hebreus foram libertos da escravidão na Babilônia, o templo foi reconstruído, mas foi novamente destruído, dessa vez pelos romanos em 70 d.C. O domínio romano foi, inclusive, um momento de tensão na história hebraica. As rebeliões contra os romanos foram frequentes e resultaram nas **Guerras Romano-Judaicas**. A violência romana levou os hebreus a fugirem de suas terras, evento que recebeu o nome de **Diáspora**.

Apenas em 1947, por decisão da ONU(Organização das Nações Unidas) o povo Judeu reorganizou-se em um Estado, conhecido hoje como Estado de Israel. Apesar dos séculos a região não ficou desabitada. Outros povos viviam na Palestina quando o estado de Israel foi criado, em 1948. Isso acabou gerando disputas territoriais e conflitos que ainda perduram.



Jerusalém

Fenícios

Fenícios

Os **fenícios** fazem parte de uma das mais importantes civilizações da Antiguidade – a civilização fenícia.

Viviam no Norte da Palestina, entre o Mar Mediterrâneo e o território que hoje corresponde ao Líbano, Síria e Israel.

Os fenícios são conhecidos como o povo do mar. Isso porque eles foram grandes mercadores marítimos e contribuíram para o desenvolvimento da Astronomia.

Os fenícios conviveram e comerciavam com vários povos. Tiveram como vizinhos os hebreus que também viviam na região onde está o atual Estado de Israel.

Com os persas, além do comércio, os fenícios ainda tiveram que enfrentá-los como inimigos devido à expansão do Império Persa.

Religião

A religião da Fenícia era o Politeísmo onde praticavam rituais de sacrifício de animais.

Os fenícios cultuavam, principalmente, três deuses, que são conhecidos por nomes diferentes:

El - era o deus máximo – aquele que havia criado o mundo, mas não necessariamente os deuses. Nada acontecia sem seu consentimento e por isso, ele sabe de tudo. El é representado como um homem velho, sentado no alto da montanha, distante da humanidade. Para alcançar suas graças, os fiéis devem se dirigir a sua esposa, Astarte.

Asherah - esposa de El – deusa-mãe, do mar, dos rebanhos e das colheitas. Um dos seus símbolos é a palmeira, árvore que se destaca no deserto por sua resistência, assim como ela se destaca entre os deuses.

Baal - filho de El e Astarte – era o deus das tempestades e montanhas, encarregado da fertilidade. É conhecido por vários títulos como Cavaleiro das Nuvens ou Mestre das Terras, um guerreiro que combate as forças da morte. Como filho de El também atua como regente na ausência do pai.

Economia

Os fenícios dedicavam-se ao artesanato chegando a inventar o vidro transparente. Na agricultura, cultivavam olivais e vinhas, e se dedicavam especialmente à pesca e ao comércio marítimo.

Não desenvolveram grandes atividades agropecuárias tendo em conta que a região que habitavam era montanhosa e pouco extensa.

Ampliaram as técnicas de tingimento de tecidos. Destaca-se o tingimento com a tonalidade púrpura, feito a partir de um molusco e que era muito procurado pela elite. Dessa cor vem a palavra "fenício".

Construíram grandes e imponentes navios que permitiram expandir seu comércio. Ergueram portos e viajavam longas distâncias realizando trocas de mercadorias como madeira de cedro, o vidro, o marfim e corantes

Política

É importante ressaltar que nunca houve um país unificado chamado “Fenícia” tal como entendemos hoje.

A Fenícia era formada por várias cidades-estados, tais como Arad, Biblos, Tiro, Sídon e Ugarit. Cada uma dessas cidades era governada de forma independente que tanto podiam ser aliadas como guerrear entre si.

O poder político se baseava nas rotas marítimas e estava nas mãos dos homens que dominavam o mar, constituindo a Talassocracia.

Esta palavra vem do grego e significa “*thálassa*”- mar e “*kratía*”- força, poder.

Cultura

A cultura fenícia recebeu influências dos povos que eles comercializavam a ponto de muitos estudiosos identificarem poucos elementos originais.

No entanto, destacaram-se na cunhagem de moedas e imprimiram ali os desenhos de seus barcos e mitos.

Utilizavam a música e a dança para louvar os deuses em rituais realizados no campo ou no centro das cidades.

Alfabeto

A maior herança dos fenícios que chegou aos nossos dias é o alfabeto.

Ao contrário de outros povos como os egípcios ou os babilônicos que elaboraram uma escrita baseada em símbolos, o alfabeto fenício representava os fonemas. Este alfabeto seria a origem da escrita ocidental.

Possuía 22 consoantes e, posteriormente, os gregos acrescentariam as vogais.

Foi criado com o objetivo de facilitar as relações comerciais.

O fim dos fenícios

Quando Ciro II, rei da Pérsia, conquistou a Fenícia, os fenícios fugiram e fundaram Cartago.

Ao fim de três conflitos pelo domínio do Mar Mediterrâneo, durante as Guerras Púnicas, Roma destruiu Cartago e passou a dominar o comércio do Mediterrâneo.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Geografia	Professor(a): ARIIVALDO
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 04/06/2021

Link do Conteúdo: [1º EM - ORIGEM DO PLANETA TERRA](#)

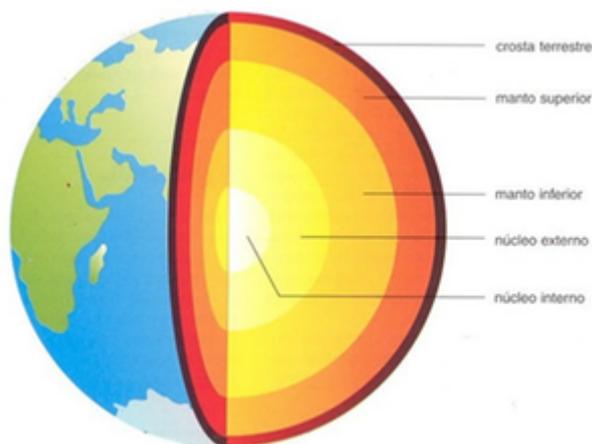
ORIGEM DO PLANETA TERRA

Desde sua origem, há 4,56 bilhões de anos, a Terra já sofreu inúmeras mudanças geológicas. Apesar da aparente estabilidade, os continentes se mantêm em constante movimento e algum dia podem até se partir, fazendo com que algumas cordilheiras surjam e outras desapareçam.

Tudo faz parte de um ciclo geológico. Enquanto a maioria dos processos são muito lentos e quase imperceptíveis, outros são abruptos e têm consequências muitas vezes devastadoras. Os desastres naturais, como os terremotos e as erupções vulcânicas, mostram a magnitude dos processos que ocorrem no interior do planeta.

ESTRUTURA INTERNA DA TERRA

O interior da Terra divide-se em três partes quimicamente diferentes: crosta, manto e núcleo, de maneira semelhante à composição de um ovo.



Estrutura interna da Terra (Foto: Reprodução/Colégio Qi)

A crosta terrestre

A crosta é uma porção externa, fina e rígida da Terra. Embora seja composta de material rochoso, é muito frágil em resistência. Nosso planeta possui uma crosta continental e uma oceânica que diferem em espessura, densidade e tipo de rochas.

A crosta continental possui as rochas mais antigas já encontradas (4 bilhões de anos). A relativamente jovem crosta oceânica compõe-se de material rochoso pesado; pelo fato de prevalecerem os compostos de silício e magnésio, ela também é conhecida como “SiMa”. O material da crosta continental é menos denso, composto de granito com alto conteúdo de silício e alumínio (“SiAl”).

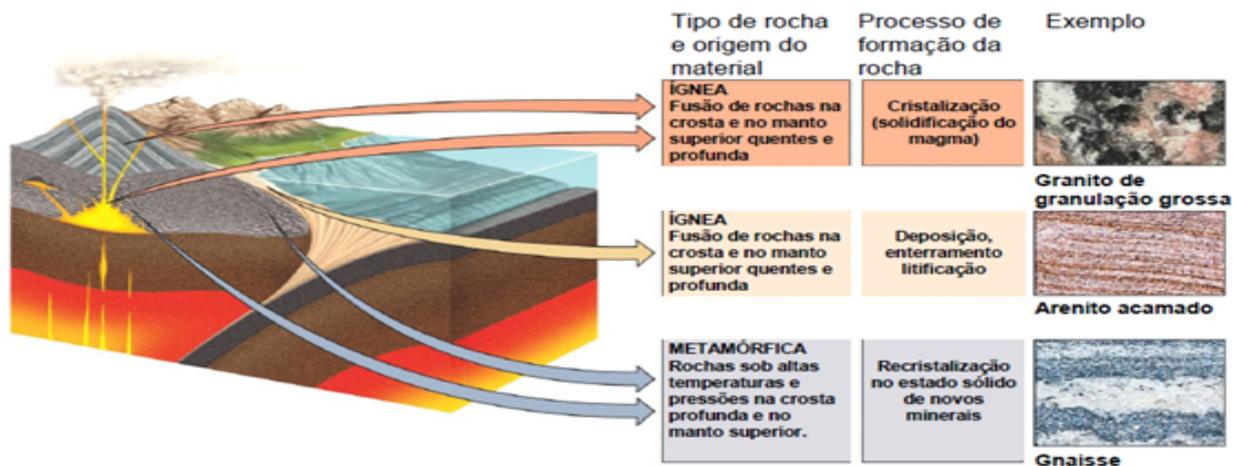
O manto

Em média, o manto tem 2.850 km de espessura e representa aproximadamente 68% da massa da Terra. Sua camada superior consiste em material rochoso e, junto com a crosta sólida, forma a litosfera. Há, no manto terrestre, alguns pontos mais quentes que o restante, chamados de *hotspots* (pontos quentes). Nesses locais, o material do manto tende sempre a subir e atravessar a crosta. Quando ele consegue isso, forma-se na superfície da Terra um **vulcão**.

O núcleo

O núcleo é composto basicamente de ferro (80%) derretido, alcançando uma temperatura de 1.000°C. Acredita-se que o núcleo terrestre seja formado de duas porções, uma externa, de consistência líquida, e outra interna, sólida e muito densa.

TIPOS DE ROCHA

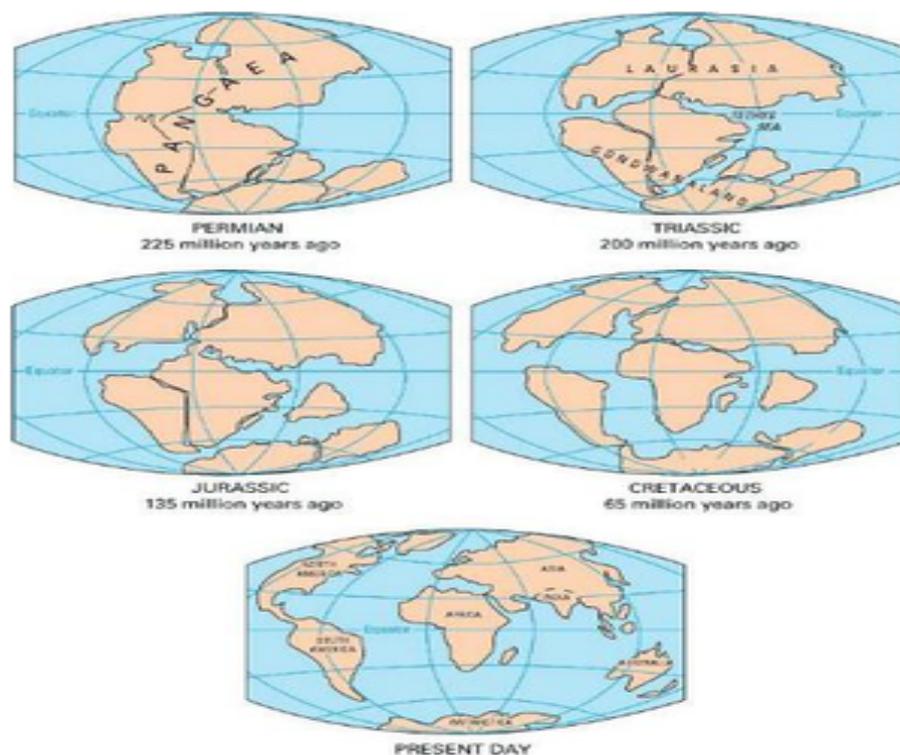


As rochas são compostas por um agregado sólido de minerais. As primeiras rochas da Terra foram formadas a partir do resfriamento superficial do magma, fazendo com que a rocha derretida cristalizasse essas rochas chamadas **magmáticas ou ígneas**.

Quando essa rocha sofre mudanças na estrutura cristalina original (mineralogia, textura ou composição química), devido a mudanças de pressão ou temperaturas altas o bastante para as rochas modificarem, seja por recristalização ou por reações químicas, surgem as **rochas metamórficas**.

As **rochas sedimentares**, mais abundantes na superfície da Terra, são formadas pela compactação de sedimentos produzidos pelo **intemperismo** (sedimentação), isto é, a desagregação física, dissolução química ou decomposição biológica das rochas em fragmentos de vários tamanhos.

FORMAÇÃO DOS CONTINENTES



Evolução dos continentes (Foto: Colégio QI)

Teoria da Deriva dos Continentes

Apesar da atual divisão do mundo em continentes parecer uma situação estática, se nos basearmos em um referencial de milhões de anos, tudo indica que não é bem assim.

Segundo a Teoria da Deriva dos Continentes, existe um movimento, ainda que imperceptível dentro de nossa vivência de tempo, que faz com que os continentes se desloquem lentamente. Essa teoria foi proposta em 1912 pelo alemão Alfred Wegener,

que observou o recorte da costa leste da América do Sul e o comparou com a da costa oeste da África e notou algumas semelhanças, como se os dois lados tivessem um dia estado juntos.

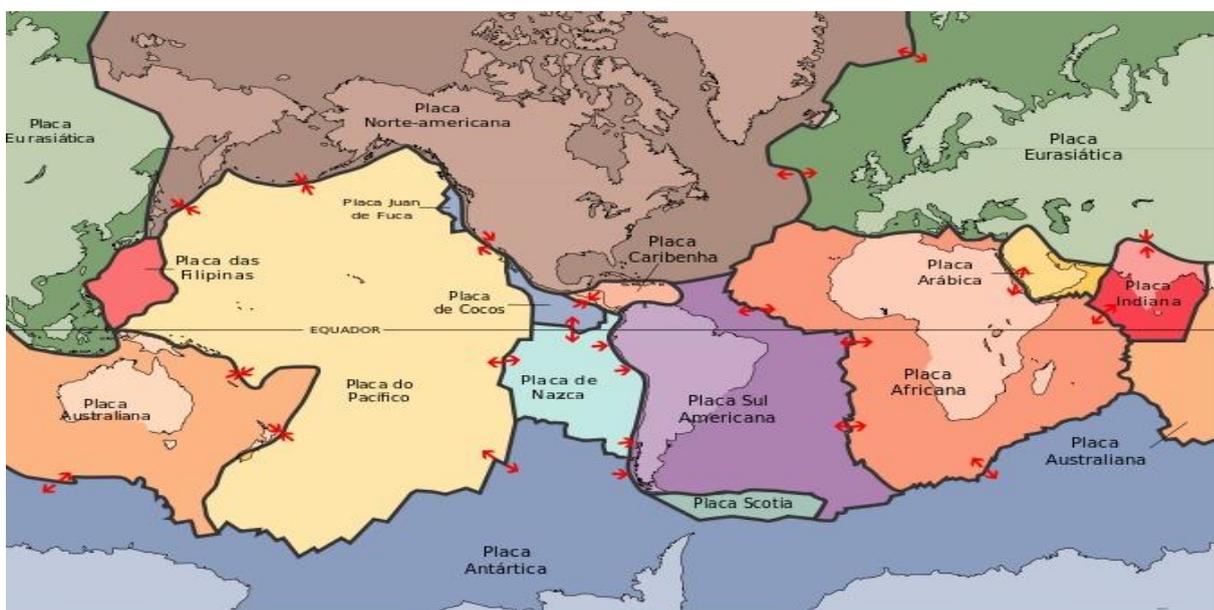
Em determinada época, há centenas de milhões de anos, todos os continentes formavam um só bloco, a Pangeia. Ao longo de milhões de anos, com o movimento das placas tectônicas a Pangeia dividiu-se inicialmente em duas partes: Gondwana e Laurásia. Daí para frente, as partes foram fragmentadas, até assumir a forma atual.

Teoria da tectônica de placas

A tectônica de placas é uma teoria geológica sobre a estrutura da litosfera. A teoria explica o deslocamento das placas tectônicas que formam a superfície terrestre, assim como a formação de cadeias montanhosas, as atividades vulcânicas e sísmicas e a localização das grandes fossas submarinas. Dessa forma, a crosta está dividida em muitos fragmentos, as placas tectônicas. As placas flutuam sobre o manto, mais precisamente sobre a astenosfera, uma camada plástica situada abaixo da crosta. Movimentam-se continuamente, alguns centímetros por ano. Em algumas regiões do globo, duas placas se afastam uma da outra e em outras, elas se chocam. Acredita-se que o motor da tectônica de placas seja a corrente de convecção – material quente que sobe e material frio que desce produzida por essa troca.

Os continentes continuam se movendo até hoje. A teoria da Tectônica de Placas, que aperfeiçoou a Teoria da Deriva Continental, é, atualmente, a forma mais aceita de se explicar a formação dos continentes.

Principais Placas Tectônicas



Mapa - As principais placas tectônicas e seus movimentos

- Placa Africana
- Placa Antártica
- Placa Australiana
- Placa Eurasiática
- Placa do Pacífico
- Placa Norte-americana
- Placa Sul-americana
- Placa de Nazca
- Placa de Scotia
- Placa Caribenha
- Placa Indiana
- Placa das Filipinas



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Inglês	Professor(a): MARLEI ANDRÉIA
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 04/06/2021

RELATIONSHIP

relacionamento

page 7

Vou colocar algumas palavras para conhecerem.

VOCABULARY

STRIVING= BATALHANDO

FAILURE=FRACASSO

DISCONCERTING=DESCONCERTANTE

DEARTH=CARÊNCIA

FROM BIRTH= DO NASCIMENTO

DEATH= MORTE

MEASURED=MEDIDO

STRIKING=GOLPEANDO (BUSCANDO, PROCURANDO)

BETWEEN=ENTRE

PARENTS=PAIS

CHILDREN=CRIANÇAS, FILHOS

HUSBAND=MARIDO

WIVES= ESPOSAS (wife= esposa)

SIBLINGS=IRMÃOS MAIS NOVOS

BROTHER IN -LAW= CUNHADO (IN LAW = EM LEI) TERMO USADO PARA ALGUNS PARENTES DA FAMÍLIA.

EMPLOYEES= EMPREGADOS

COLLEAGUES=COLEGAS

O TEXTO MENCIONA A RESPEITO DE COMO É DIFÍCIL DE SE RELACIONAR. QUE CONSTANTEMENTE ESTAMOS LUTANDO COM TODOS E COM TUDO PARA ESTE FIM.

DESDE O NASCIMENTO ATÉ A MORTE O SUCESSO OU O FRACASSO É MEDIDO PELO TIPO DE RELACIONAMENTO QUE A PESSOA TEVE COM OS ELEMENTOS DESSE MUNDO. E QUE INDIVÍDUOS DESILUDIDOS CONSIGO MESMO NÃO CONSEGUEM TER SUCESSO AO SEU REDOR.

DEPOIS APARECE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS.

PERSONALITY TRAITS

ALGUNS SÃO COGNATOS! OS QUE SÃO COGNATOS EU NÃO IREI DAR O SIGNIFICADO.

RATIONAL

CAPABLE=CAPAZ

CAREFUL= CUIDADOSO

SENSIBLE=SENSATO

CREATIVE

SENSITIVE=SENSÍVEL

EASYGOING=MALEÁVEL

EFFICIENT

POLITE=EDUCADO

IMPOLITE=MAL EDUCADO

ENTHUSIASTIC= ENTUSIASMADO

FLEXIBLE=FLEXÍVEL

PATIENT

FRANK

ORGANIZED

FRIENDLY= AMIGÁVEL

OPTIMISTIC=OTIMISTA

PESSIMISTIC

GENEROUS=GENEROSO

GOOD-HUMORED= BEM HUMORADO

BAD-HUMORED =MAL HUMORADO

INTERESTING= INTERESSANTE

HAPPY=FELIZ

UNHAPPY=INFELIZ

FALANDO DE RELACIONAMENTO. VOU DEIXAR A PERGUNTA PARA VOCÊS PENSAREM.

WHAT DO THINK THAT CAN MAKE A RELATIONSHIP WORK???



PREFEITURA DE
SANTANA DE PARNAÍBA

www.santanadeparnaiba.sp.gov.br
PrefeituraSantanaDeParnaiba



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Filosofia	Professor(a): Ivair
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 04/06/2021

Doutrina religiosa que prega a existência de só um deus

O termo Monoteísmo etimologicamente tem origem nas palavras gregas *mónos* = único, *théos* = deus. Os monoteístas seguem apenas uma religião e creem em uma única divindade. Ao contrário do Politeísmo, que acredita em vários deuses, o Monoteísmo defende a existência de um só deus criador de todo o universo.

Mas é importante ressaltar que dentro das religiões monoteístas existem diferenças entre as concepções de deus pregada por cada uma delas. Embora seja uma corrente mais moderna do que o politeísmo e que abriga religiões mais novas, o Monoteísmo reúne as religiões com o maior número de seguidores em todo o mundo.



Símbolo das principais religiões monoteístas do mundo: Cristianismo, Judaísmo

Islamismo

(Foto: Wikipedia)

Origem do Monoteísmo

Há quem defenda que o Monoteísmo se origina na narrativa bíblica dos hebreus e que Abraão tenha sido o seu fundador. Por isso as religiões monoteístas, por vezes, também são chamadas de Abraamicas. No entanto, alguns estudiosos apontam que a primeira religião a adotar o Monoteísmo foi [zoroastrismo](#), fundada pelo profeta Zoroastro, na antiga Pérsia.

Principais religiões que seguem a corrente monoteísta

- Islamismo
- Cristianismo
- Judaísmo

De todas as religiões monoteístas, o [Islamismo](#) é a que mais cresce em todo o mundo. Presente em pelo menos 80 países, a religião Islã se baseia nos ensinamentos do profeta Maomé. Sua doutrina prega submissão e obediência à lei de um único deus (Alah). Dentro do próprio Islamismo existem vertentes diferentes, das quais as mais conhecidas são as sunitas e as xiitas. Seus ensinamentos encontram-se no Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos e que, segundo a fé islã, reúne mensagens divinas recebidas por Maomé. O [Cristianismo](#) é a religião que possui o maior número de adeptos na atualidade. Seus ensinamentos se baseiam na crença em [Jesus Cristo](#) e tem como livro sagrado a Bíblia. Assim como o Islamismo, o Cristianismo possui ramificações dentro da própria religião. As mais conhecidas são o catolicismo e protestantismo (resultado da [Reforma Protestante](#) liderada por [Martinho Lutero](#)). Os símbolos religiosos do cristianismo também variam de acordo com a vertente dos adeptos. Enquanto a cruz é usada como referência para os cristãos católicos, os cristãos protestantes adotam a própria Bíblia como seu símbolo. De todas as religiões monoteístas, o [Judaísmo](#) é a mais antiga. Assim como o Cristianismo, os judeus têm como livro sagrado a Bíblia, no entanto, eles se baseiam nos livros do antigo testamento. Como símbolo sagrado os judeus adotam o Menorá, um candelabro de sete braços. Os templos judaicos, chamados sinagogas, abrigam uma arca que simboliza a ligação entre deus e os judeus. As sinagogas são locais de preces e de estudos e onde são realizados os cultos e rituais sagrados pelos sacerdotes chamados rabinos.

Monoteísmo: variação de concepção de deus

O Monoteísmo carrega variações de concepção de deus. As religiões monoteístas apresentam divergências entre si que vão desde concepção filosófica da crença de que todas as religiões têm origem num único deus.

Baseado na ideia de bem e mal, a concepção do monoteísmo filosófico está presente em algumas religiões monoteístas, dentre elas o Judaísmo e o Zoroastrismo. Parte do Cristianismo e parte do Islamismo também admitem essa concepção.

Existe outro entendimento do monoteísmo que propaga deus como base ética da sociedade. Tal concepção é a do monoteísmo ético, que defende que o comportamento e a conduta humana a ser seguida é ditada por deus.

A fé *Bahá'í* é a concepção do monoteísmo que prega um único deus de suprema sabedoria. Segundo esse entendimento, um único deus é responsável por criar todas as coisas. Além de acreditar que um único deus é responsável por estabelecer todas as religiões no mundo, os *Bahá'í* acreditam que ele é inacessível aos homens. Diante desse ponto de vista, deus expressa sua vontade de educar a humanidade através da religião, com o objetivo de ensinar aos povos o que é necessário.

Outras concepções do Monoteísmo

Judaico - prega a unicidade de deus e não admite que existe outro deus único;

Islâmico - acredita em deus (Alah, em árabe) como o único, inigualável;

Trinitário – presente em parte do cristianismo, esse entendimento defende a existência de um deus onipotente, onipresente e onisciente, que subsiste no pai, no filho e no espírito santo;

Deísmo – crê em uma divindade responsável por criar a natureza, um deus impessoal;

Monismo – acredita num deus pessoal;

Panteísmo – entende deus como o universo;

Panenteísmo – vê o universo como pertencente a um deus onipotente e onipresente, que transcende;

Substancial – sustenta que há uma única forma subjacente de deus e os deuses são formas dessa única substância.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Sociologia	Professor(a): Maurício
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 04/06/2021

Link do texto -

<https://docs.google.com/document/d/1x0nKx4nlvMsHZ0xAH4Aq5baA3VpA0AED1mg2RILjop8/edit?usp=sharing>

Eugenia: a higiene como estratégia de segregação

ARTIGOS DE DEMANDA CONTÍNUA

Fonte do texto -

<http://www.scielo.br/j/er/a/rgvGSgcssyWZnf4zbCnHkSN/?lang=pt#7a>

Eugenia: a higiene como estratégia de segregação*

Christiane Gioppo

Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação da Universidade Federal do Paraná

Neste ensaio, faremos uma breve reflexão sobre a segregação racial em seu tratamento mais científico, a eugenia. A partir da cunhagem do termo na Inglaterra do século XIX e fundamentada em teorias científicas, a eugenia passou de popular a científica e foi disseminada por aparatos legais, propiciando métodos eficazes de manipulação, orientação e controle dos considerados *menos capazes* que, não coincidentemente, faziam parte de um estrato da população pertencente às classes trabalhadoras.

Na sequência, o texto discorrerá sobre a mudança do termo de *eugenia* para *higiene* e mostrará como a higiene foi peça fundamental para a formação e manipulação do pensamento operário no contexto da distração e organização da indústria brasileira, no final do século XIX e início do século XX.

Chegaremos, finalmente, ao fundamento do ideário segregador ligado à higienização do trabalhador e mostraremos de que forma este fundamento ideológico perpassou a formação dos professores que, para perpetuar a segregação, deveriam ser formados com tal orientação. Outros profissionais, como agentes sanitários e médicos, também

foram formados para identificar e segregar os menos capazes em vista de *seu próprio bem*.

E concluiremos em termos da permanência destas idéias nos livros didáticos de hoje, que aparecem, de forma sutil, sub-reptícia e disfarçada.

Este ensaio não pretende aprofundar conhecimentos sobre o tema, mas apenas traçar um panorama do conceito desde sua origem até a permanência nos livros didáticos atuais, visando a gerar discussões junto aos professores.

A segregação humana é uma construção social que existe desde a origem das sociedades e ainda hoje ocorre, mesmo entre as tribos mais primitivas do interior do Amazonas ou da África. No entanto a transformação da segregação em limpeza racial, em *eugenia*, só ocorreu no século XIX com Francis Galton, sobrinho de Charles Darwin, em seu livro *Hereditary Genius*, publicado em 1869.

Bizzo (1994) ressalta que, ao utilizar-se de métodos estatísticos, Galton matematizou a visão popular sobre as diferenças entre as classes, conferindo-lhes um caráter "científico". A segregação possuiria, a partir daí, um argumento de validação.

O fundamento teórico para explicação das diferenças raciais foi a Teoria Pangenética de transmissão dos caracteres, elaborada por Charles Darwin, que sustentou serem os caracteres adquiridos numa geração transmissíveis às gerações seguintes. Galton observou que filhos de homens talentosos, advogados e médicos, geralmente seguiam a carreira de seus pais e utilizou de artifícios estatísticos para mostrar que estes transmitiam tais caracteres a seus filhos, igualmente inteligentes e bem-sucedidos, enquanto os pobres geralmente continuavam pobres. Mas Galton ignorou, em toda sua obra, as diferenças de condições materiais concretas para o indivíduo se desenvolver. Foi com este viés radical que ele propôs o termo *eugenia* para falarem melhoria das raças, enfatizando que quanto mais pura a raça mais forte e melhor ela será.¹

Na Inglaterra e, principalmente, em sua ex-colônia americana, a eugenia veio, pois, a ser legitimada como científica pela influência inicial desse autor, a partir da Teoria Pangenética de Darwin e com base no delineamento da curva normal da Estatística.

As teses segregacionistas que surgiram, portanto, na metade do século XIX, fundamentadas numa teoria de reprodução não mais aceita atualmente, parecem, porém, estar tomando novo fôlego. Em outubro de 1994, apareceu nos Estados Unidos o livro *The bell curve*, que compila várias pesquisas sobre testes de QI e diferença de inteligência entre brancos e negros. Apesar de retomar intata a velha polêmica das diferenças raciais, promete ser um sucesso de vendas.

As idéias eugenistas começaram a chegar ao Brasil no final do século passado e, no início, com uma repercussão muito mais diluída do que a inglesa ou americana: "o Brasil assistiu a manifestações até bem comportadas dos defensores do melhoramento racial"². Em 1870, os jornais das Faculdades de Medicina já discutiam a importância do médico higienista e seu papel na sociedade, mas a população de forma geral não tinha contato com esses periódicos.

Na década de 20, a Teoria Pangenética de Darwin era considerada ultrapassada e poderíamos esperar, como consequência lógica, que a eugenia também se tornasse superada, uma vez que utilizava como fundamento a pangênese. Mas isto não ocorreu, pelo contrário, a eugenia estava em ascensão, não só na Europa e nos Estados Unidos, mas também no Brasil. Em Piracicaba - SP, nessa época, fundava-se a

Sociedade Brasileira de Eugenia, que reuniu médicos higienistas e outros simpatizantes e divulgou os preceitos higienistas em boletins e jornais de medicina; e para atingir a maioria da população, em livros de literatura e livros de formação de professores. Esta contradição entre a teoria superada e a ascensão da eugenia foi registrada como paradoxo. (Schwarcz, 1993; Bizzo, 1994)

O ideário eugenista parece ter influenciado muito algumas áreas, nas quais as idéias de organização e formação de mão-de-obra eram essenciais, como a área industrial. Os conhecimentos higienistas eram importantes para a "construção" de um *operário padrão*, cuja formação precisava ser minuciosamente elaborada para que toda sua vida estivesse orientada em função da fábrica.

A higienização foi o principal argumento para iniciar esta disciplinarização, que pretendia mudar hábitos e moldar o operário para o seu espaço de trabalho - enfim, criar uma nova mentalidade. A higienização, ou higiene, foi o sinônimo, o termo substitutivo encontrado para a eugenia, criada por Galton na Inglaterra.

Portanto, antes mesmo da introdução do taylorismo e do fordismo no Brasil, delineia-se o desejo burguês de construção da fábrica higiênica, espaço racional e apolítico da produção, até transformar-se num projeto enunciado e assumido pelo conjunto de especialistas, do empresariado e do Estado.

3

As primeiras indústrias fabris no Brasil começaram com um modelo rude, quase escravagista, de disciplinarização. Pelo insucesso de seus métodos, os burocratas rapidamente perceberam que haveria de se mudar a estratégia para conquistar o funcionário, convencendo-o das vantagens da mudança, que lhe propiciaria mais tempo para dedicar-se ao trabalho, mais proximidade de sua casa com a fábrica e que seus filhos estudariam para ser futuros empregados da empresa. Foi uma técnica muito mais eficaz, opondo-se ao modelo de fábrica satânica criado pelos operários ingleses da revolução industrial; passaram a adotar, então, o modelo de fábrica higiênica, que tem como projeto subliminar um regime de disciplinarização que tornaria o espaço de produção atraente e aprazível para o funcionário, de acordo com preceitos de saúde e moral pré-determinados: "é preciso que se ensine aos trabalhadores rudes e ignorantes uma nova forma de vida, mais higiênica e adequada, antes que eles mesmos o façam (...) Assim se pretende formar o novo proletariado, impondo-lhe uma identidade moralizada, construída de cima e do exterior".⁴

As terapias disciplinares deveriam necessariamente atender também à família do trabalhador, pois a mudança de postura é uma mudança completa de modos e visão de vida: uma engenhosidade para penetrar na casa e na família do operário. As formas de ação eram fundamentais e deveriam inspirar confiança e oferecer vantagens a toda a

família. Mulheres e crianças também deveriam ser adestradas, vislumbrando-se para tais criaturas perspectivas futuras de trabalho e melhoria de vida.

Estratégia disciplinar suave e sutil de adestramento dos corpos e do espírito, a terapia do trabalho visava manter os menores ocupados o tempo todo: (...) nas instituições assistenciais ou nos patronatos e orfanatos, no caso dos pobres. Tratava-se de fixar as crianças e, conseqüentemente, toda a família no interior da habitação e impedir que se organizassem atividades fora da intimidade doméstica.

5

Para facilitar o sucesso do adestramento era necessário eliminar aglomerações e fazer com que cada família sentisse a importância de manter-se no interior de seu lar. Isso era, na verdade, um deslocamento tático do público ao privado. Para tanto havia total respaldo dos médicos higienistas:

O poder médico persegue a infecção no espaço privado do trabalhador, invade sua casa, inspeciona seu quarto e prescreve normas de conduta (...) Cada um deve dormir em sua cama individual (...). As casas operárias federão menos e perderão a marca negativa de ameaça pestilencial - promete o saber médico.

6

Em vista dessa disciplinarização foram construídas vilas operárias próximas às fábricas, com o cuidado de que seus funcionários não se atrasassem e tivessem todas as condições necessárias para absorver a inculcação higienista que a fábrica sutilmente impunha. Para eles, era imprescindível modificar aquela criatura tão desprezível - o trabalhador pobre:

No discurso dos higienistas, dos industriais ou ainda dos literatos, a representação imaginária do pobre estrutura-se em função da imundície. O pobre é o outro da burguesia: ele simboliza tudo o que ela rejeita em seu universo. É feio, animalesco, fedido, rude, selvagem, ignorante, bruto, cheio de superstições. Nele a classe dominante projeta seus dejetos psicológicos: ele representa seu lado negativo, sua sombra. Como Parent-Duchâtelet ou os médicos brasileiros, Aluísio Azevedo sente náuseas com o cheiro repugnante do povo amontoado nos cortiços, gerados espontaneamente como vermes.

7

Vê-se, portanto, que todo o processo de higienização tinha como objetivo fundamental disciplinar o trabalhador para que ele produzisse mais, orientando toda a família para uma mudança de atitudes.

Havia também outro objetivo embutido nesta ideia: o de isolar o pobre com o intuito de separá-lo das elites, criando locais próprios, as vilas operárias, para que não fosse necessário conviver com eles.

Reflexos na educação

Como a maioria dos projetos educacionais que foram introduzidos no Brasil, a eugenia obviamente também não teve grande impacto. Textos, porém, explicando eugenia positiva e negativa e suas vantagens, passaram a estar presentes nos livros de formação de professores por muitos anos. Este fato, por si só, já representa muito. Somado à escassez da diversidade de livros para formação de professores, podemos supor que grande parte dos professores formados no Brasil tiveram em suas mãos, em algum momento, um destes livros.

O livro *A hereditariedade em face da educação*, de Octávio Domingues, era freqüentemente citado nos Boletins de Eugenia, da Sociedade Brasileira de Eugenia (que existia em Piracicaba nessa época) e traduz em palavras simples o pensamento eugênico, embora já se desligando de uma das suas premissas básicas: a transmissão pangenética de caracteres - teoria de Darwin - para aproximar-se do pensamento mendeliano. Com isto, a eugenia perde um grande aliado, tornando-se menos radical. Mas nem por isso deixando de orientar-se a uma "eugenia positiva", ou seja, aquela que aconselha e procura convencer, como na citação de Octávio Domingues:

(...) é preciso que nos sujeitemos aos dictames das leis da hereditariedade, e fuçamos convictamente das uniões fóra das regras eugênicas, ou quando não, conscientemente, sopitemos por todos os meios a formação de uma prole geneticamente miserável.

Esse é um dos urgentes e preciosos auxílios que a Eugenia está solicitando da educação: explicar, convencer ao homem, ao cidadão, que as más heranças só se acabarão se o indivíduo geneticamente mau não procriar.⁸(grifo do autor)

No texto, o autor enfatiza que a ciência já não aceita a teoria reprodutiva de Darwin exposta por Galton no livro *Hereditary genius* - que é a base da eugenia -, mas ainda assim apresenta o que pode ser feito: "O mais prático e acertado, portanto, é agir, é influir, é actuar sobre o indivíduo pelo ensinamento dos princípios eugênicos, despertando-lhe a consciência, antes que promulgar leis, talvez não executáveis, e destinadas a serem burladas."⁹

Domingues faz uma clara referência ao papel da educação em orientar, dirigir o pensamento e inculcar idéias para que as leis sejam bem aceitas; caso contrário, jamais seriam cumpridas por não terem aprovação da população.

Já no livro *Higiene e puericultura*, de Valdemar de Oliveira, de 1966, são ignorados os conhecimentos da genética mendeliana. O autor prefere citar as teorias de Darwin sobre reprodução, mesmo que elas já não fossem mais aceitas há décadas:

A verdade científica, portanto, é esta: o casamento de dois tarados produz um terceiro tarado. Quantas famílias, no mundo, poderão orgulhar-se de não possuir taras? Além do que, nem sempre pode a medicina despistar certos caracteres hereditários. Só a prova real da união de dois seres definirá a pureza da semente de que provem. (...) O que a lei prevê, proibindo os casamentos consangüíneos,

é a união temível de elementos degenerados cujas taras se somariam nos filhos com evidente prejuízo para a espécie. (...) a lei deveria considerar, entre os impedimentos ao matrimônio, o estado de saúde dos cônjuges, estabelecendo o exame médico pré-nupcial, baseado na conhecida lei de Darwin: "Os ascendentes têm tendência a transmitir aos descendentes seus caracteres gerais e individuais, antigos e adquiridos".

Essa transmissão se traduz pelo aparecimento, na pessoa dos descendentes, de caracteres ora paternos, ora maternos, ora de parentes colaterais, ora de avós (atavismo). Deles, herdamos as boas e más qualidades físicas e morais.¹⁰

É importante notar que o autor propõe o exame pré-nupcial baseado na "lei" darwiniana da transmissão dos caracteres adquiridos e que os atributos morais também são herdáveis, ou transmissíveis geneticamente, devido a esta mesma "lei", ignorando simplesmente todo o conhecimento da genética mendeliana, já amplamente difundida em 1966. Isto ocorria há apenas duas décadas atrás, o que nos leva a crer que provavelmente algumas professoras formadas por este livro ainda devem estar em sala de aula transmitindo tais conceitos e inculcando idéias de segregação.

Analisando as citações presentes na formação de professores até duas décadas atrás, percebe-se o quanto devem ter influído na formação de conceitos e atitudes, uma vez que este é o objetivo fundamental da eugenia: a disciplinarização e a orientação da população.

Estes pontos nos levam a refletir sobre os conceitos "científicos" que estão por trás de algumas atitudes "naturais" na escola e que, no entanto, parecem refletir as idéias de segregação, como a separação de turmas fortes e fracas, ou filas de carteiras com alunos acima da média, na média e abaixo da média, ou ainda, chavões utilizados por professores e até por pais quando se referem a um aluno com dificuldades de aprendizagem, como "a cabecinha dele é fraca, não tem jeito mesmo, por isso precisa reprovar". Tais atitudes nos levam a crer na presença das idéias eugenistas no aparelho escolar.

Atitudes segregatórias, infelizmente, não são exclusivas da educação escolar. Mello, em seu artigo "O elitismo no setor de saúde", relata o caso da epidemia de meningite meningocócica na cidade de São Paulo, que surgiu em 1971, atingindo a população de baixa renda e teve censurada sua divulgação até que atingiu, em 1974, o bairro elitizado do Morumbi; a partir daí divulgada, combatida e controlada, ficando conhecida como a Síndrome do Morumbi. Este fato ilustra o quão presente e grave é a segregação, embora muitas vezes escondida, em desfavor das populações de baixa renda.

Outros exemplos de casos semelhantes que acontecem diariamente revelam o papel da segregação intensificada pela sociedade de classes.

Por isso, o professor deve perceber a dimensão de seu papel social como agente de mudanças, identificando e discutindo com seus alunos as práticas de segregação e não se permitindo fazer o papel de agenciador e divulgador das idéias eugenistas pela via da higienização.

A eugenia e o livro didático

Este tópico não tem o propósito de aprofundar uma análise da eugenia no livro didático, mas enfatizar o que já vem sendo alertado inúmeras vezes quando se faz análise de livros didáticos. O livro de Nosella, por exemplo, já discutia o tema em 1981. Nele, a autora faz uma extensa pesquisa em livros didáticos e de literatura infantil, separando por tópicos os problemas encontrados. Ao concluir o livro, deixa claro que:

- os negros e as mulheres, quando aparecem nos desenhos de livros, são menores que os meninos brancos, estão em segundo plano ou representam papéis interiores, submissos;
- os textos que tratam de higiene fazem relação com a pobreza e incentivam textualmente a segregação em frases como: "Você não gostaria de sentar perto de alguém cheirando mal, mal vestido e sujo, não é?";
- colocam sempre a mulher como a responsável pela higiene da casa e pela educação das crianças.

Sobre a higiene nos livros didáticos, a autora escreve:

Os textos de leitura são veículos de propaganda, portanto, de modos de vida positivos, mas fora do alcance da classe pobre. Entre estes estão os "hábitos de higiene" descritos com todo o aparato de instalações sanitárias do "quarto de banho". Escovar os dentes, utilizando-se de escova e pasta dental: tomar banho com sabonete e um bom chuveiro, para depois vestir roupas bonitas. As preocupações com a higiene estão relacionadas a tais artigos de toalete, indispensáveis para se começar a desenvolver hábitos de higiene.

Textos de conteúdo elitista como estes humilham as crianças pobres, que na maioria das vezes, sentem-se sujas, não por ignorarem os hábitos de higiene, mas, principalmente, por falta de recursos para desenvolvê-los da maneira como são descritos. Se elas não possuem condições materiais e são pressionadas a serem "limpas", devem ficar sem saber por onde começar (...). A grande maioria da população pobre do país não possui nem ao menos rios limpos, para praticarem "hábitos de higiene", pois os resíduos químicos que as indústrias atiram estão poluindo as águas de todos eles.¹¹ (grifos da autora)

A autora firmemente enfatiza o papel da inculcação ideológica presente nos textos e desmascara a formação de uma massa de manobra pronta para ser ordenada e cumprir alegremente as ordens. Em alguns textos, virtudes são comportamentos desejados, principalmente na mulher, mãe e responsável pela educação dos filhos. Os livros geralmente utilizam-se da simbologia animal das fábulas, perpetuando as diferenças sociais como vontade de Deus ou como determinação biológica e hereditária (como queria Francis Galton). A autora denuncia tais idéias, contidas nesses livros:

A ideologia dominante, subjacente a estes textos, veicula uma mensagem onde a mansidão, a docilidade diante da exploração, são valorizadas, porque tais virtudes, assimiladas pela estrutura da personalidade, transformarão as crianças em seres facilmente manejáveis e, além disso, felizes em sua disposição de servir.

12

(grifos da autora)

Todas estas situações aparecem com mais frequência nos livros de 1.^a a 4.^a séries do 1.º grau, mas também ocorrem de maneira sutil nos livros de 5.^a a 8.^a séries. Parece haver nos livros de Biologia Educacional um incentivo à ingenuidade da professora e de seus alunos que, se for seguido ao pé da letra, apenas auxiliará na formação de criaturas dóceis e meigas, reforçando a alienação como forma de dominação das elites sobre as camadas sociais menos favorecidas.

Exemplos da sutilidade da inculcação ideológica podem ser encontrados em muitos livros de leitura infantil, que incentivam a ingenuidade, a alegria e sub-repticiamente induzem à alienação. A coleção *O mundo da criança* está repleta de exemplos. Vejamos:

CASINHA RELUZENTE

Nancy M. Hayes

Adaptação de Helena Pinto Vieira

Eu desejo... tanto, tanto

Uma casa pequenina,

Bem pintadinha de branco.

Minha casa então teria

Um tapete para o gato;

Na parede, bem redondo,

Um buraco para o rato.

Um relógio, tique, taque,

Que as horas marcaria.

Enquanto eu fosse fazendo

Tudo, tudo com alegria.

Para a escola mandaria

Os meus queridos filhinhos,

Depois de dar-lhes, contente
Beijos, lápis e docinhos
Então começaria a faina,
O dever nosso de todo dia;
Com um pano, a casa toda,
Com esmero limparia,
Faria brilhar vidros e janelas,
Os armários e o chão.
Depois as grades, as portas,
Fechos, ladrilhos e fogão.
E, à noite, com as crianças
Dormindo sossegadas nas caminhas,
Na cadeira de balanço, bem tranqüila.
Consertaria as roupinhas,
Que linda casa a minha,
Que eu sempre limpa traria.
Em um lar assim brilhando
Muito feliz eu seria. **13**

Note-se que a ideia está em ligar a organização familiar à responsabilidade da mulher, bem como a felicidade à higiene e limpeza da casa.

Outro exemplo, do mesmo livro, também relaciona a limpeza à alegria, à felicidade de ver tudo limpo e arrumado; e os desenhos mostram uma linda menina, loira de olhos azuis, "bem eugênica", muito limpinha e contente, dançando ao realizar sua tarefa:

QUANDO LILI VARRE

Nancy Byrd Turner

Tradução de Edvete da Cruz Machado

Vejam como está contente a Lili,

Varrendo, varrendo aqui e ali

Anda na seda toda faceira.
Vai a vassoura como parceira,
Não sei como a Lili não se cansa,
Quando trabalha ela também dança.
É tão engraçado o seu bailado
que deixa tudo bem arrumado:
às vezes parece que está valsando.
Outras parece estar cumprimentando;
Demora um pouco em cada cantinho
E quando sai deixa tudo limpinho.
E afinal, ao parar de dançar,
Pode-se ver, está tudo a brilhar
É divertido para se ver,
Quando a Lili começa a varrer¹⁴

Exemplos como esses mostram o quanto os livros didáticos e de literatura infantil podem ser os divulgadores de um ideário de segregação, a partir de textos aparentemente muito ingênuos e sem caráter segregador.

Propomos aos professores, portanto, que atuem criticamente na denúncia destas estratégias de segregação e usem outras táticas que permitam às classes trabalhadoras, ou minorias raciais, poder contra-argumentar e exigir os direitos que têm todos os cidadãos.

Considerações finais

Esta reflexão procurou apresentar o pensamento segregador, desde a cientifização da eugenia por Francis Galton, transformando-a em limpeza racial, até o reflexo deste pensamento na formação de professores e na sua ação educativa - de modo suave e sutil, pelo uso do termo *higiene* e de seus conceitos correlatos, como forma de inculcação ideológica por meio dos livros didáticos.

Ao finalizar a leitura deste ensaio, no entanto, podem surgir novas perguntas ao leitor, tais como: e agora? como identificar nos textos elementos sutis de segregação? Como trabalhar com livros que nos são impingidos e que trazem em seu bojo toda uma carga de preconceitos sociais? A resposta a estas questões não é fácil, pois o livro didático é hoje, principalmente no Brasil, um grande veículo de formação e manipulação de opiniões e, por consequência, de alienação. Mas muitos autores vêm batendo insistentemente na tecla da alienação e, inclusive, alguns órgãos governamentais têm acordado para o fato.

No Paraná, por exemplo, a licitação pública para compra de livros didáticos de 1.º grau, em 1994, inseriu no edital de convocação um anexo contendo itens de qualidade no que se refere a especificações técnico-pedagógicas mínimas de aceitabilidade do material quanto a alguns requisitos educacionais, como conteúdo programático e metodologia utilizada.

Os itens de qualidade eram classificatórios (juntamente com os itens de menor preço). Quanto à qualidade o edital foi categórico:

Refutar-se-ão livros didáticos que forem apresentados de forma simplificada e descontextualizada, com base no cientificismo artificial, pois desta maneira cria-se uma visão estereotipada, preconceituosa e equivocada do processo de produção do conhecimento científico (...)

(...) O ensino de ciências deverá contribuir na tentativa de libertar os alunos dos preconceitos, do misticismo, da magia e crendices presentes no seu cotidiano. **15**

Na especificação dos conteúdos sobre Saúde e Higiene, presentes nos livros didáticos, o edital citou:

- os aspectos referentes à saúde nos livros didáticos, devem restringir-se às ações comportamentais do indivíduo, não se priorizando os efeitos socioeconômicos que interferem e direcionam os programas governamentais;

- A saúde não poderá ser trabalhada meramente como regra de higiene. **16**

Este passo inédito e ousado pretende forçar a produção de livros didáticos de qualidade e voltados para uma percepção de mundo mais abrangente e relacionada com a vida dos estudantes. Este fato apenas, de forma isolada, de nada adiantará se o professor não estiver atento para perceber os erros, as incoerências dos textos didáticos e se não revelar as contradições que continuam a perpassá-los de forma sub-reptícia.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldonio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Português	Professor(a): Angela
Nome do Aluno: Nº	
Ano/série: 1ºEM	Conteúdo Explicativo semana de 31/05 a 04/06/2021

GRAMÁTICA

Acentuação gráfica (acento prosódico e acento gráfico)

Antes de entrarmos no assunto sobre acentuação, é importante recordarmos o que é sílaba tônica.

Todas as palavras da língua portuguesa com duas ou mais sílabas, possui uma sílaba tônica, ou seja, aquela pronunciada com mais intensidade e é aí que entra a acentuação.

A acentuação gráfica é representada pelos seguintes sinais:

- (´) acento agudo - pode ser usado em todas as vogais
- (`) acento grave - só pode ser usado na vogal **a**
- (^) acento circunflexo - usado nas vogais **a, e, o**
- (~) til - usado para indicar nasalização e é usado nas vogais **a, o**

Portanto o acento gráfico é aquele que aparece na escrita para intensificar a sílaba tônica e acento prosódico é aquele que aparece somente na pronúncia, ou seja, nem todas as sílabas tônicas são acentuadas graficamente, existem sílabas tônicas que não recebem acento.

Ex: blu-sa, pa-re-de, pe-ri-go

Nesses casos, as sílabas destacadas receberam o acento prosódico, ou seja, só aparecem na oralidade.

De acordo com a posição da sílaba tônica em uma palavra, há uma classificação:

- a) **oxítone** - a sílaba mais forte é a última (guaraná, talvez, Brasil)
- b) **paroxítone** - a sílaba mais forte é a penúltima (espécie, petróleo, caramujo)
- c) **proparoxítone** - a sílaba mais forte é a antepenúltima (sábado, relâmpago, cérebro)

Obs. Toda proparoxítone deve ser acentuada.

Para informações mais detalhadas sobre o assunto, ler o conteúdo da página 02 da unidade 04 da apostila - parte de Língua Portuguesa.